

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Maria de Fátima Moreira Peres

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA VIVÊNCIA FEMININA NAS CRÔNICAS DE
MALLUH PRAXEDES EM *AQUELE OLHAR FORA DO CORPO***

Belo Horizonte
2013

Maria de Fátima Moreira Peres

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA VIVÊNCIA FEMININA NAS CRÔNICAS DE
MALLUH PRAXEDES EM *AQUELE OLHAR FORA DO CORPO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Maria de Paula e Silva Lobo

**Belo Horizonte
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P919a.Yp Peres, Maria de Fátima Moreira
Memória e representação da vivência feminina nas crônicas de Malluh Praxedes em *Aquele olhar fora do corpo* / Maria de Fátima Moreira Peres. Belo Horizonte, 2013.
124f.: il.

Orientador: Suely Maria de Paula e Silva Lobo
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Mulheres na literatura. 2. Escritoras brasileiras. 3. Praxedes, Malluh. *Aquele olhar fora do corpo* – Crítica e interpretação. 4. Crônicas brasileiras. 5. Feministas. I. Lobo, Suely Maria de Paula e Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 869.0(81)-34.09

Maria de Fátima Moreira Peres

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DA VIVÊNCIA FEMININA NAS CRÔNICAS DE
MALLUH PRAXEDES EM *AQUELE OLHAR FORA DO CORPO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Profa. Dra. Suely Maria de Paula e Silva Lobo (Orientadora) PUC Minas

Profa. Dra. Iara Christina Silva Barroca - Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Profa. Dra. Kelen Benfenatti Paiva - IF Sudeste MG/Campus São João del-Rei

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2013.

À memória de minha avó, Conceição de Melo Duarte, que não deixou de cumprir os desígnios de sua época, a saber, os cuidados da casa, a educação dos 12 filhos, ter que ser esposa compreensiva de um marido exigente e intransigente, mas que tinha consciência de seu potencial intelectual como mulher e lutava por tempos melhores e, por essa razão, capaz de sempre incentivar a neta a estudar para que se tornasse uma mulher mais livre e consciente de seus direitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à costureira Maria Adélia Duarte Moreira e ao bancário José Moreira, meus pais, que me proporcionaram – mesmo com tantas dificuldades impostas pela vida – a minha melhor herança: o conhecimento.

À minha querida família, Giovanni, meu esposo e companheiro de todas as horas, Rafael, Júlia e Luís Pedro meus filhos, pela paciência e compreensão nos meus piores dias de estresse.

À mestra querida, Suely Silva Lobo, pelo seu carinho, sua total dedicação e orientação a esta aluna.

À mestra querida, Constância Lima Duarte, que sempre me incentivou e iluminou, com sua sabedoria, o percurso que resolvi seguir.

Às mestras e mestres que um dia cruzaram o meu caminho, deixando algo de valioso impresso nas páginas de minha vida.

Às feministas de ontem, de hoje e àquelas que darão continuidade aos movimentos sempre em busca do respeito e de todas as igualdades.

Às minhas colegas pesquisadoras do grupo Mulheres em Letras, companheiras de estudos, alegrias, confidências e amizade fraterna.

A todas as mulheres que, de alguma forma, tornaram melhor a nossa vivência.

As mulheres começam a respeitar seu próprio sentido dos valores. É por esta razão que a substância de seus romances começa a mostrar certas mudanças. Parece que as mulheres que escrevem estão menos interessadas por si próprias e mais pelas outras mulheres. No início do século XIX os romances de mulheres eram em grande parte autobiográficos. Uma das razões que as impulsionava era o desejo de descrever seu próprio sofrimento, de defender uma causa própria. Agora que este desejo não é mais tão imperioso, as mulheres começam a explorar o mundo das mulheres, a escrever sobre as mulheres como nunca se escreveu antes, pois, até época bem recente, as mulheres na literatura eram, certamente, uma criação dos homens. (VIRGINIAWOOLF- 1882-1941)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado propõe um estudo sobre os aspectos do literário, do literal e da “mundivivência” do feminino, presentes nas crônicas publicadas no livro *Aquele olhar fora do corpo* de Malluh Praxedes. Mas, para que este projeto fosse viabilizado buscamos, primeiramente, entender o processo histórico das crônicas de autoria feminina, bem como o papel das mulheres e suas lutas nas sociedades do final do Século XIX e início do Século XX até os dias atuais. O livro contém 47 crônicas que se desenrolam por meio de diversas temáticas. Porém, escolhemos apenas quatro temas por considerarmos que, estes, contemplariam formas mais específicas do universo da escrita da autora, quais sejam: a família, a escrita imagética por meio do detalhamento, os sentidos e a escrita epistolar. Consideramos que a escritora mineira, de Pará de Minas, seja um dos frutos desse processo histórico, resultado dos diversos movimentos que elevaram a literatura de autoria feminina contemporânea aos patamares que ela ocupa hoje.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Crônica. Estilo epistolar. Movimento feminista.

ABSTRACT

This dissertation proposes a study on aspects of the literary, the literal and the *mundivivência* of the feminine present in the chronicles published in the book *Aquele olhar fora do corpo* by Malluh Praxedes. But for this project to be made feasible we sought, first, to understand the historical process of the chronicles of female authorship, as well as the role of women and their struggles in the societies of the late nineteenth century and early twentieth century to the present day. The book contains 47 chronicles unfolding through various themes. However, only four themes were chosen by considering that, these, contemplate in more specific ways, the universe of writing of the author, namely: family, detailed imagery, the senses and the writing of letters. We believe that the writer, who is a native from Pará de Minas town, Minas Gerais state, Brazil is one of the fruits of this historical process that results from the various movements that raised the contemporary literature to the heights it occupies today.

Keywords: Women's a writing. Chronicle. Epistolary style. Feminist movement.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 - <i>Aquele olhar fora do corpo</i> com o autógrafo da escritora, em forma de beijo..... | 39 |
| FIGURA 2 - Capa do livro <i>Aquele olhar fora do corpo</i> , 2010..... | 46 |
| FIGURA 3 - Malluh Praxedes, a mãe Noêmia e o pai Sylvio Praxedes, 1990..... | 53 |
| FIGURA 4- Malluh com os escritores, Oswaldo França Jr., Roberto Drummond, Fernando Morais, Roberto Retamar (cubano) e Carlos Herculano Lopes, em <i>Ouro Preto</i> , 1986..... | 54 |
| FIGURA 5 - Malluh quando criança (terceira da esquerda para direita). Sem data .. | 55 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 UMA HISTÓRIA DA CRÔNICA | 13 |
| 2.1 Do folhetim à crônica | 13 |
| 2.2 Jornalismo ou literatura? | 15 |
| 2.3 Um gênero literário..... | 17 |
| 2.4 Estética e discurso feminino | 20 |
| 3 UNIVERSO FEMININO | 25 |
| 3.1 Mulher brasileira e feminismo | 25 |
| 3.2 Mulher mineira e contemporaneidade | 30 |
| 3.3 Malluh Praxedes e o feminino | 37 |
| 4 O CALEIDOSCÓPIO LITERÁRIO DE MALLUH | 47 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 61 |
| REFERÊNCIAS..... | 63 |
| APÊNDICE A - Entrevista com Malluh Praxedes | 70 |
| ANEXO A - Seleção e Crônicas | 73 |

1 INTRODUÇÃO

A literatura de autoria feminina é sempre um tema que me provoca um certo fascínio. Pois as mulheres, até poucos anos atrás, nem sonhavam chegar onde elas já chegaram, no campo da literatura principalmente e em outras áreas da ciência. Nosso capítulo - das mulheres - ainda está sendo escrito em livros. E, com certeza, ainda falta muito a ser feito. Conhecer o universo daquelas que nos antecederam para entender o que está sendo feito pelas atuais é de fundamental importância para a nossa história, que deixa de ser apenas um “apêndice”, para se tornar parte integrante da obra principal, não só da literatura, como da própria existência humana.

Quando resolvi me matricular em uma matéria isolada de literatura no curso de mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2006, conheci a professora Constância Lima Duarte. A matéria, claro, era sobre literatura de autoria feminina. Naquela época, ela sugeriu que estudássemos o maior número possível de escritoras mineiras. O objetivo era conhecer o universo daquelas que ainda eram desconhecidas pela academia ou tentar resgatar aquelas que caíram no esquecimento, mas foram importantes para a história literária tanto de sua região quanto para o país.

Fiquei responsável por estudar duas autoras, Presciliana Duarte, nascida em Pouso Alegre no ano de 1867 e Malluh Praxedes, em Pará de Minas, creio que nos anos de 1950. A primeira, um pouco mais conhecida pelas academias, mas a segunda, nada ou quase nada. Descobri algumas coincidências que me chamaram a atenção. Malluh é jornalista, assim como eu, e, minha terra natal é a mesma da escritora. Passei, então, a ler com mais atenção todos os livros da pará-minense. Obviamente, os escritos de Presciliana também. Após dois anos, nossos artigos e os de outras colegas de pesquisa foram publicados em livro: *Mulheres em Letras - antologia de escritoras mineiras*.

A partir daí escolhi Malluh Praxedes como meu objeto de estudo para um futuro mestrado, justamente por não ser ela, uma escritora canônica vinculada ao circuito de grandes editoras. Além da minha curiosidade de jornalista estar sempre em busca de uma resposta para o fato de Malluh, já com mais de 10 livros publicados, não ser tão conhecida dos estudantes de literatura - ao contrário de

outras tantas e com um número bem menor de publicações. Atualmente, a escritora tem 14 obras publicadas e, para desenvolver a minha dissertação, selecionei a última, *Aquele olhar fora do corpo*, por se tratar de um livro de crônicas. Um gênero que se firmou com o advento dos jornais e conquistou o gosto popular e das academias. Lembremos que grandes obras de escritores como Machado de Assis, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade, só para citar alguns, nasceram a partir das crônicas publicadas por eles, em jornais.

Baseada em referencial bibliográfico procedemos, então, à leitura de diversos conteúdos que contribuíssem para o desenvolvimento de nossa dissertação, bem como, à realização de entrevistas pessoais com a escritora e depoimentos de leitores sobre o livro. Para facilitar a compreensão da pesquisa e para que este projeto tomasse corpo, ele foi assim organizado:

- 1- Introdução;
- 2- Uma história da crônica;
- 3- Universo feminino;
- 4- O caleidoscópio literário de Malluh;
- 5- Considerações finais;
- 6- Referências.

No segundo capítulo, fizemos uma abordagem histórica de como surgiram as crônicas, onde eram publicadas e em que gênero se enquadram, se literário ou jornalístico (ou os dois ao mesmo tempo) e de como se deu a presença, a estética e o discurso feminino no jornalismo literário, contribuindo para descortinar a “mundivivência” da mulher na vida social de uma dada época. Ou seja, qual a importância desse gênero para a literatura brasileira, que a cada dia vem conquistando espaço, não só nos estudos acadêmicos como também no editorial. É importante, ainda, observar como ele consegue retratar o cotidiano, as mudanças de comportamento das pessoas, em especial das mulheres, os códigos sociais, as estruturas familiares, o pensamento humano, as relações interpessoais e a memória de uma sociedade.

No terceiro capítulo, passamos um olhar sobre o movimento feminista de maneira geral, a partir de meados do Século XIX até as últimas décadas, de como ele foi e ainda é importante para as sociedades brasileira, mineira, pará-minense e,

principalmente, para a mulher na literatura. Demos um destaque para a mulher mineira e a contemporaneidade, finalizando com algumas informações sobre a escritora Malluh Praxedes e a questão da feminilidade que perpassa toda a sua obra.

Por fim, dedicamos o capítulo quarto somente para a análise do livro *Aquele olhar fora do corpo* onde destacamos o trabalho memorialístico refinado e fotográfico da escritora pará-minense, as evidências de traços de uma escrita, epistolar e, acima de tudo, feminina. A partir das análises e demais pontuações, observamos que, no caso específico dessa obra, a polêmica que existe em torno da questão da existência ou não de uma escrita feminina (o que equivale a descobrir o “sexo dos anjos”), cai por terra. Podemos afirmar que, em *Aquele olhar fora do corpo*, existe sim uma escrita feminina, pois a maior prova de sua existência é a declaração da própria escritora que confessa ser impossível não relacionar a sua vivência feminina à sua forma de escrita. Pretendemos ainda com este trabalho, dar maior conhecimento e visibilidade a uma nova produção literária, na qual se inserem, em especial, as crônicas dessa escritora mineira, contemporânea, chamada Maria Lúcia Praxedes.

2 UMA HISTÓRIA DA CRÔNICA

2.1 Do folhetim à crônica

Como se sabe, a palavra folhetim vem do francês *feuilleton*, que significa folha de livro. Esse gênero literário surge na França do Século XIX, mais especificamente por volta de 1827, no mesmo compasso da imprensa escrita. Os temas publicados eram os mais variados possíveis e tinham como objetivo prender a atenção do leitor, aumentar a tiragem do veículo e, ao mesmo tempo, fazer com que o leitor tivesse ciência das publicidades veiculadas. Por isso, as histórias eram publicadas em capítulos, como se as folhas de um livro fossem transpostas, uma a uma. Desse modo, o leitor estaria cativo e sentiria a necessidade de adquirir o próximo número do jornal ou da revista para saber o desenrolar daquela história, ou daqueles fatos. Os jornais eram colecionáveis e quem escrevia aquelas histórias eram denominados os “folhetinistas”. Hoje poderíamos considerar esse artifício como uma estratégia de *marketing* de vendas muito bem elaborada para aquela época.

No Brasil, o folhetim também vai surgir por influência da imprensa francesa, em 1938, com publicações no *Jornal do Commercio*. Publicado nos rodapés dos jornais, trazia assuntos e acontecimentos que cobriam um período de até 15 dias do cotidiano da sociedade local, como fatos políticos, resenhas literárias, informações sobre os costumes da época, entre outros diversos temas. No início não eram tão frequentes como os folhetins franceses. Mas, o gênero foi caindo no gosto popular e começou a ser publicado com mais frequência, ocupando um espaço um pouco maior e trazendo temas mais leves, mais circunstanciais (cotidianos), do dia a dia, como se fosse uma fotografia de um determinado evento.

A jornalista Dulcília Helena Schroeder Buitoni vai dizer que “o romance seriado foi tomando conta desse espaço genérico dos periódicos a tal ponto que o nome folhetim passou a designar esse tipo de ficção e não mais aquela seção variada (BUITONI, 1990, p.39)”. Vários escritores utilizaram-se dos jornais para publicar suas obras em capítulos e testar a receptividade do leitor, obtendo-se assim um *feedback* necessário para futura publicação no formato livro. Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis, por exemplo, foram escritores que tiveram presenças constantes nos veículos de imprensa. Os livros, *Cinco minutos* e

O *Guarani* de José de Alencar foram publicados no jornal *Correio Mercantil* em 1846 e 1847 respectivamente. *Quincas Borba*, de Machado de Assis, teve suas letras impressas na revista feminina, *A Estação* -, considerada uma das mais importantes da época - durante os anos de 1886 a 1891.

Várias outras revistas e jornais feitos por ou para mulheres já haviam surgido ou estariam por surgir no Brasil, como *A Camélia*, *A Violeta*, *O Espelho*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas*, *A Mensageira*, *O Espelho Diamantino*, entre outros. Eram os novos ventos que sopravam desde a chegada da família imperial ao País em 1808 e que traziam na bagagem, da Europa, costumes e culturas diferenciados, principalmente do comportamento feminino. Começa-se, então, a se desenhar uma nova mulher brasileira. Mais social, mais participativa, que já reivindicava seus direitos como cidadãos. Elas começam a publicar e a sair de seus habitáculos mostrando à sociedade do que elas eram capazes no mundo da escrita.

Mas, segundo a professora doutora em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Constância Lima Duarte, é na

década de 30 que a crônica se moderniza, adquire uma feição brasileira e passa a ser cultivada tanto pelos intelectuais - a exemplo de Bandeira, Drummond, Mário de Andrade e Rubem Braga - como pelos aspirantes ao mundo das letras. E a crônica, ao se utilizar precisamente do jornal e da revista, adquire prestígio por lograr atingir um número de leitores muito maior que qualquer outro gênero (DUARTE, 1995, p. 110).

E é no Século XX que começam a ganhar maior destaque grandes mulheres cronistas, como Cecília Meireles (*Rádio Ministério da Educação e Cultura*), Patrícia Galvão, a Pagu (jornal *O homem do povo*), Clarice Lispector que utilizava como pseudônimos, Tereza Quadros (jornal *Comício*) ou Helen Palmer (jornal *Correio da Manhã*), Raquel de Queiroz (*Jornal do Brasil*), Carmem da Silva (revista *Claudia*), Marina Colasanti (*Jornal do Brasil*) só para citar algumas.

Os temas eram variados e iam desde assuntos do cotidiano das mulheres, de “variedades”, de sexo, até críticas à sociedade burguesa e aos comportamentos antiquados que algumas ainda insistiam em manter. Clarice Lispector, por exemplo, ao utilizar-se do espaço da crônica no *Jornal do Brasil* a partir de 1965, vai apreender e aprender com sucesso aquela escrita. Seria mais ou menos o que poderíamos chamar de um “projeto piloto” e que, num futuro muito breve, se tornaria parte dos contos de seus livros, como aqueles publicados em *Felicidade*

Clandestina.

Já no Século XXI, divididas entre os afazeres domésticos, suas atividades profissionais conquistadas “a duras penas” por meio do movimento feminista - que no Brasil tem como uma de suas maiores expoentes Nísia Floresta Brasileira Augusta - é que as mulheres contemporâneas vão publicar suas crônicas com maior intensidade em jornais, revistas e *blogs*, conquistando um espaço, antes só ocupado pelos escritores do sexo masculino. Nomes como os de Martha Medeiros, Lya Luft, Malluh Praxedes, Helena Jobim, Laura Mediolli, Fernanda Takai, Danuza Leão e diversas outras pelos interiores de Minas Gerais e do Brasil figuram com destaque entre os diversos nomes que compõem a pauta dos jornais, revistas, *blogs* e outras formas de impressos ou virtuais.

E, cada uma com seus temas e a seu modo, vai dar um tom levemente poético, descontraído, bem humorado à crônica atual. Mais uma vez, Dulcília, Helena Schroeder Buitoni vai constatar que a crônica de autoria feminina é um oásis no mundo masculino, uma vez que ela busca essa leveza e bom humor, ao contrário das escritoras do século passado que tinham a necessidade de imprimir um discurso mais feminista. (BUITONI, 1985). O que não quer dizer que, ainda hoje, as mulheres não escrevam crônicas que também trazem à tona temas reivindicatórios, como o da igualdade racial, contra o machismo na propaganda brasileira, por exemplo, entre outros diversos temas. E é nesse novo contexto, das atuais crônicas de autoria feminina, que iremos inserir os escritos de Malluh Praxedes em *Aquele olhar fora do corpo*.

2.2 Jornalismo ou literatura?

Esse gênero, ora considerado por alguns autores como literário, (e aí podemos até pensar em memorialístico), ora como jornalismo literário tem conquistado, cada vez mais, um grande número de leitores. Por essa razão, também algumas vezes, as crônicas podem até ser confundidas com um artigo por trazer um estilo próximo ao fazer jornalístico, pois trata de temas atuais, ou de assuntos do cotidiano abordados em matérias que saem no próprio jornal onde o cronista publica. O escritor Moacyr Scliar faz uma abordagem interessante sobre essa convivência entre o literário e o jornalístico e os dois ao mesmo tempo.

Escrevo em jornal, mas não sou jornalista – isto é, não sou formado por escola de comunicação. Minha função é mais limitada: escrevo crônicas. Poderia fazer isto em casa, mandando o texto através de e-mail, mas prefiro ir à redação. E faço-o, em primeiro lugar, pelo prazer de conviver com jornalistas, gente sempre interessante. Em segundo lugar, porque aprendo muito nesse contato. Não sou mais o escritor que eu era quando me tornei colaborador de jornais. O que mudou? Várias coisas. Em primeiro lugar, aprendi a escrever de forma sistemática, com ou sem “inspiração”, que é uma coisa que às vezes some por muito tempo, deixando o escritor frustrado. Na verdade, o jeito de caçar a inspiração é escrevendo. Palavra puxa palavra, frase puxa frase e de repente lá está a ideia, à nossa espera. A segunda coisa que aprendi foi ser objetivo. No passado, os escritores se deixavam arrastar pelo texto, que não raro se tornava caudaloso, fazendo com que o autor simplesmente esquecesse de onde vinha e para aonde ia. O jornalismo mostra que objetividade é essencial, que o negócio é ir direto ao ponto. Terceira coisa, decorrência da segunda: aprendi a ser sintético. Se o espaço que me dão é de trinta centímetros, escrevo trinta centímetros. Também aprendi a ser pontual. Afinal, nenhum ser humano tem todo o tempo e todo o espaço do mundo. Agora: acho, sim, que a literatura pode ensinar algo ao jornalismo. Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e a reescrever. Também ensina a privilegiar a imaginação – mas não demais: realidade é realidade, ficção é ficção. O novo jornalismo foi uma experiência interessante, mas exagerou muito. Há sim, uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. No passado, grandes escritores foram grandes jornalistas: o caso de Machado de Assis, de Lima Barreto. Nada impede que esta tradição tenha continuidade. (SCLIAR, 2002, p.13)

Portanto as crônicas que, em sua maioria, abordam temas do cotidiano aproveitam-se algumas vezes até de temas de uma reportagem, mas nem por isso poderão ser consideradas como matérias jornalísticas. Nas crônicas, o escritor pode ousar, adjetivar, e até incrementar os fatos, com boa dose de humor, o que no jornalismo considera-se uma heresia. Lembremos que, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, foram cronistas assíduos de grandes jornais. Mas traziam em seus escritos, o estilo literário necessário para, tempos depois, transformarem-se em livros importantes, hoje estudados amplamente pelas academias e considerados obras primas da literatura brasileira. Obras memorialísticas que revelam costumes de uma época e que servem de instrumento para pesquisadores e historiadores.

A escritora Clarice Lispector (LISPECTOR, 1984, p.155-6), também tenta definir o que é uma crônica: “Crônica é um relato, é uma conversa, é um resumo de um estado de espírito?”. Porém, esse gênero que navega entre mares, ora do jornalismo, ora da literatura encontra no escritor Machado de Assis em, *O nascimento da crônica*, uma explicação mais interessante para se começar uma crônica:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue está começada a crônica. [...] (MACHADO, 1979, p.369)

A doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais, Maria do Rosário Alves Pereira em artigo intitulado “A crônica feminina brasileira no século XIX” faz uma breve introdução sobre o gênero “crônica” e como ele foi de fundamental importância para as mulheres a partir do século XIX:

Gênero híbrido, que perpassa os territórios da literatura e do jornalismo, a crônica tem servido, muitas vezes, como registro histórico de seu tempo. Porém, se traz informação, se dá notícia sobre os acontecimentos mais insignificantes do dia a dia, ultrapassa em muito tal dimensão, elevando tais acontecimentos comezinhos à categoria de maior importância. A referência ao tempo já está presente na própria etimologia da palavra, que vem do grego “Cronos”, numa alusão à divindade que seria a personificação do tempo. No caso deste trabalho especificamente, interessa-nos traçar algumas reflexões em torno do surgimento da crônica brasileira de autoria feminina, mostrando o quanto este gênero serviu como registro histórico da luta feminina pela educação e modernização da mulher. (PEREIRA, 2010).

2.3 Um gênero literário

Ana Lúcia Silva Resende de Andrade Reis, mestre em Letras da Universidade de São João del-Rei (UFSJ) em seu texto, *O romance de folhetim no Brasil do século XIX: modelos e inovações*, publicado nos anais da Abralic de 2006, vai afirmar que “o folhetim foi inicialmente configurado como uma simples técnica de publicação de histórias e que, ele alterou profundamente as características do romance enquanto gênero literário, tanto em seu país de origem quanto no Brasil”. (REIS, 2006).

Os fatos narrados passaram a ter mais destaque que a caracterização dos personagens e funcionaram como elos de uma cadeia vertiginosa de eventos. Nos jornais brasileiros da época, começam a surgir publicações neste formato de autores nacionais, tais como Alencar, Macedo, Machado, que se instalam “no andar térreo” da folha, criando ali, pela diversidade de temas, uma espécie de universidade popular, em que se ensinava sem pedantismo e se aprendia sem esforço. (REIS, 2006).

Ainda segundo a pesquisadora da UFSJ, no caso específico de Joaquim Manuel de Macedo, o escritor teria vivenciado um momento histórico e, particularmente, decisivo para a literatura brasileira.

Naquela época, a literatura buscava uma identidade e procurava se firmar como arte autônoma e valorizável de uma nação recém-independente. Ainda muito jovem, ligou-se a um grupo de escritores engajados nesse projeto, entre os quais Manuel de Araújo Porto Alegre e o poeta Gonçalves Dias, fundando com eles a revista literária *Guanabara*, que, com seus fortes traços românticos, mostrava-se preocupada com a afirmação da nacionalidade pelo viés da literatura. Na esteira deste movimento surge em 1844, no “rodapé” do *Jornal do Commercio*, seu *A Moreninha*, primeiro romance brasileiro a alcançar significativo êxito de público, e considerado um dos marcos do Romantismo e da história da nossa literatura, enquanto romance de costumes, fixação de tipos e concepção do que se poderia chamar “a cena romanesca”. (REIS, 2006).

O novo estilo de romance que surgia por meio de Joaquim Manuel de Macedo vai, portanto, influenciar outros escritores da época, como José de Alencar, trazendo à superfície, valores comportamentais, com contexto histórico e, ao mesmo tempo, procurando atender num ritmo veloz, às necessidades de consumo de uma nova sociedade que surgia no Brasil, ansiosa por modernidades, mais especificamente do Rio de Janeiro, que era o centro cultural, político e econômico do país. A crônica, esse gênero meio híbrido, entre o jornalismo, o literário, o ficcional e a realidade, enfim, ganha uma nova dimensão, um novo *status* dentro dos veículos impressos, ainda que servisse a princípio, como atrativo para a venda dos jornais e revistas. E, enquanto gênero literário, a crônica vai ser explicada por vários autores. Entre eles, podemos citar, por exemplo, Eduardo Portela quando se refere à estrutura da crônica.

A estrutura da crônica é uma desestrutura; a ambiguidade é a sua lei. A crônica tanto pode ser um conto, como um poema em prosa, um pequeno ensaio, como as três coisas simultaneamente. Os gêneros literários não se excluem: incluem-se. O que interessa é que a crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário. E, quando não o é, não é por causa dela, a crônica, mas por culpa dele, o cronista. Aquele que se apegua à notícia, que não é capaz de construir uma existência além do cotidiano, este se perde no dia a dia e tem apenas a vida efêmera do jornal. Os outros, esses transcendem e permanecem. (BRASIL, 1979, p. 53-4).

Já, Antônio Cândido, um pouco mais didático vai classificar a crônica em quatro tipos diferentes de acordo com o formato de sua escrita. A primeira é a “crônica narrativa” e se aproxima do conto. A segunda é a “crônica metafísica” e traz

como temas, reflexões filosóficas. A terceira, com conteúdo mais lírico, ele classifica como “crônica poema em prosa”. E a última - “crônica comentário” - reproduz os acontecimentos do cotidiano. Mas, explica: “essa classificação não implica numa separação estanque entre os vários tipos, que, na realidade, guardam traços de uns e outros”. (CÂNDIDO, 1992, p. 97-8).

E é nessa linha de raciocínio que se enquadram, por exemplo, os diversos textos publicados por Carmem da Silva na sua coluna intitulada *A arte de ser mulher*, da revista *Cláudia*, no período de 1963 a 1985 (BUIIONI, 1985, 49-66). Textos estes, considerados pelo jornalismo da época, apenas como artigos. Daí, a existência de um hibridismo em relação às crônicas e o fazer literário. O conteúdo de suas crônicas, no início de sua carreira na revista, tratava de temas que remetiam à independência feminina, bem como, enfatizava a necessidade que o ser humano tem de realizar-se por meio do trabalho e da profissão. E, no caso das mulheres, isso até seria plausível, porém elas nunca deveriam esquecer-se das responsabilidades e dos cuidados com a casa e os filhos.

A sociedade brasileira passava por uma franca mudança nos comportamentos sociais, principalmente com os anos 70 e a revolução sexual. Outros temas iriam povoar a pauta das crônicas de Carmem. Ela então dirige seu foco para as angústias das jovens, os conflitos de gerações e tabus sexuais. Os temas, a perda da autoestima, a valorização da juventude e da beleza eram direcionados às mulheres mais velhas. Assuntos que iriam chocar de frente com outros temas da própria revista que tinha como grandes anunciantes, as indústrias da moda, dos cosméticos que veiculavam a ideia de que “os anos são o pior inimigo das mulheres” (DUARTE, 2005).

Mas, para o jornalista e professor de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, Marcelo Coelho, a crônica é o oposto do jornalismo e, segundo ele, “o que se pode dizer de uma forma bem genérica, é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia”. (COELHO, 2002, p. 156).

Cada notícia procura a todo custo convencer o leitor de que determinado fato é importante, é crucial. A crônica vai sempre insistir na desimportância de tudo. Em cada notícia o assunto é o principal, isto é, o jornalista está mais preocupado em transmitir a informação em servir ao seu assunto, do que em fazer literatura. Na crônica, o assunto é o de menos, e muitas vezes

a melhor crônica é a que justamente aponta para o fato de não ter assunto nenhum. (COELHO, 2002, p.156).

2.4 Estética e discurso feminino

Dulcília Helena Schroeder Buitoni, em *Crônica/mulher, mulher/crônica* vai fazer uma correlação entre as mulheres escritoras e suas crônicas. Mas, segundo ela, quando se pensa em crônica, a associação que a maioria das pessoas fazem de imediato é de que crônica é igual ao sexo masculino. (BUITONI, 1985). E não deixa de ser uma verdade ainda nos dias de hoje. Até mesmo os romances, por exemplo, ainda em sua maioria, são premiados quando de autoria masculina, como prova a pesquisa realizada pela professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília (UNB), Regina Dalcastagnè. Ela confirma que nos principais prêmios literários brasileiros realizados de 2006 a 2011, foram 29 autores premiados e apenas uma mulher e que num período de 15 anos (1990 a 2004) dos 165 autores de romances publicados no País, 120 eram homens, o que representa uma porcentagem de exatos 72,7% do universo editorial.

Mas é nas crônicas de autoria feminina que iremos encontrar as principais mudanças, evoluções de temas e contextos históricos, tendo em vista, a também mudança de comportamento das mulheres desde meados do Século XIX e princípios do Século XX. A imprensa contou com um papel importante nessas mudanças, bem como a chegada da família imperial ao Brasil em 1808 no Rio de Janeiro. Traziam na bagagem, novos modos, novas culturas, novos hábitos vindos diretamente da Europa. Em função disso, a urbanização em ritmo de expansão fez com que as mulheres também passassem a conquistar novos hábitos e a frequentar lugares nunca antes pisados, como o teatro, por exemplo.

Os temas e as formas da escrita de autoria feminina iriam seguir essa tendência e acompanhar o desenvolvimento que experimentavam nesse período, mesmo ainda se utilizando de pseudônimos para publicar suas crônicas. De temas mais intimistas, passam a publicar, a partir do surgimento de veículos dedicados ou feitos para as mulheres, assuntos voltados para o universo feminino como a moda, os costumes, a educação, o direito ao voto e, por que não, com certo tom crítico.

As primas, Presciliana Duarte e Júlia Lopes de Almeida irão ter papel fundamental na vida literária da época. Presciliana cria em 1897, *A Mensageira* - revista quinzenal, dedicada às mulheres brasileiras - que pretendia abrir os olhos

das mulheres para o estado de submissão em que viviam, encorajando-as a lutar para ampliar seu espaço na sociedade. A prima, Júlia Lopes de Almeida, uma das melhores colaboradoras na revista, também sempre lutou, junto com Presciliana, pelo reconhecimento e desenvolvimento intelectual das mulheres, incentivando-as e mostrando à sociedade do que elas eram capazes, inclusive para o bem de toda a família. Júlia, entre 1862 e 1934 vai discutir, também, nos jornais, Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio e a Semana, temas caros às mulheres brasileiras, como o divórcio e o abolicionismo.

A defesa dos direitos das mulheres, como o voto feminino, seria mais um tema abordado em crônicas de autoria feminina. Várias outras mulheres foram tão importantes quanto essas duas, na luta pela igualdade dos sexos e batalharam como nunca, utilizando-se das palavras e dos poucos espaços que iam encontrando caminho afora. Nísia Floresta, com língua afiada, ou melhor, letras afiadas, Carmem Dolores, idem; Cecília Meireles com seu lirismo, Patrícia Galvão e a sua crítica ferina/felina, Clarice Lispector com um certo sarcasmo debochado e tantas outras, como Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queirós, a militante Adalgiza Néri. E, assim, sucessivamente, foram abrindo caminho para as autoras contemporâneas desfrutarem, sem pudor, cada centímetro quadrado dos jornais, revistas e blogs.

Atualmente, as cronistas já escrevem com mais leveza, mais humor e do jeito que melhor lhes convier. Porém, ainda vivem numa sociedade que, apesar de estar aberta para algumas modernidades, ainda continua a exigir delas, as mulheres, o mesmo peso de antes: os cuidados com a casa, a família, o sexo e juntando-se a tudo isso, o próprio trabalho profissional diário. Uma dupla ou tripla jornada que muitas vezes tendem a assumir. Surgem daí, os novos temas que serão muito bem elaborados nas crônicas contemporâneas. Mais cientes de seus papéis, mais seguras e com a liberdade conquistada, as cronistas vão dar um novo brilho aos veículos de comunicação nos quais publicam.

Dulcília Helena Schroeder Buitoni acredita que essas crônicas contemporâneas têm se tornado um oásis, um refrigerio em um mundo, às vezes, ainda excessivamente masculino. Mas nem por isso, deixam de trazer à tona o viés das reivindicações que lhes é peculiar. Contudo, agora o fazem com humor ou ironia, fisingando os leitores e deixando-os cientes de muitas dificuldades que continuam a existir no mundo feminino. E Constância Lima Duarte vai lembrar muito bem que, “quando uma crônica apresenta verdadeiras qualidades literárias, ela

extrapola a condição fugaz do jornal, desafia o tempo e termina por merecer a perenidade que só o livro pode lhe dar”. (DUARTE, 1995, p. 113).

A tradutora literária, escritora e professora universitária, natural do Rio de Janeiro, Cristina Ferreira-Pinto Bailey, em artigo publicado na Revista Discente do CELL (Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Ouro Preto) diz que,

ao examinar-se a produção literária da mulher brasileira, especialmente a ficção e a poesia, observa-se que as escritoras brasileiras contemporâneas, ou seja, a partir da década de 70, têm construído um espaço literário de onde as vozes femininas que se fazem ouvir são realmente suas, e não resultado de um ventriloquismo masculino. (BAILEY, 2010).

Ainda segundo ela,

voz que fala, que narra, que conta e faz poesia é a voz que emerge de um corpo de mulher. Para ouvir-se claramente essa voz/identidade, torna-se necessário, portanto, olhar detidamente para esse corpo, para a sexualidade e o desejo da mulher representada na literatura de nossas escritoras. (BAILEY, 2010).

Cristina Ferreira-Pinto Bailey diz que a maioria das escritoras brasileiras reluta em acreditar que a literatura tenha sexo, porém concordam que suas experiências de vida são diferentes daquelas dos homens e que isso reflete-se em suas obras.

A escritora carioca ressalta que aos poucos, passo a passo, “a literatura brasileira de autoria feminina vai construindo um discurso alternativo, desconstruindo e apropriando-se desses mitos para recontá-los à sua própria maneira, ou rejeitá-los de forma categórica”. (BAILEY, 2010).

Nossas autoras vão então realizando um duplo projeto em sua literatura: uma crítica ao discurso dominante falocêntrico e, ao mesmo tempo, a construção de um discurso no qual a expressão do desejo e a representação do corpo e da sexualidade feminina se façam de maneira mais autêntica, ou seja, filtradas o menos possível pela visão do discurso dominante. Nesse projeto, a criação de um discurso erótico da mulher faz-se um elemento fundamental. A criação de um discurso erótico representa o reverso de uma moeda cuja face é a inscrição da mulher na literatura - já não como objeto do masculino numa relação de ventriloquismo literário - mas como sujeito e agente, enunciando a sua própria “fala.” Em outras palavras, a literatura de escritoras brasileiras tem conferido à mulher, cada vez mais, voz e agência, e ao longo desse processo tem utilizado o erotismo como forma de afirmação dessa voz, dessa agência, ou seja, como afirmação de uma identidade feminina. Nesse sentido, cabe lembrar que a sexualidade e o desejo do sujeito encontram-se intrinsecamente ligados ao

sentido sujeito e agente, enunciando a sua própria “fala”. (BAILEY, 2010, p. 18)

A escritora contemporânea, objeto de nosso estudo, Malluh Praxedes será, portanto, um dos bons frutos dessas revoluções, das mudanças de comportamento feminino e da crescente valorização, por exemplo, de uma nova estética que pode ser verificada também na crônica, não só como um espaço de contestação de um *status quo* mas, também, de relatos, observações e memória de uma sociedade que havia, até então, se sustentado durante anos no silêncio e na clausura das mulheres. Sua escrita em *Aquele olhar fora do corpo* é leve, bem humorada, emocional, extremamente feminina, biográfica, narrativa como se fosse um conto, diria Antônio Cândido. Em depoimento endereçado à autora, o escritor Luiz Ruffato vai se referir ao livro: “Que maravilha suas crônicas!!! Uma aguda sensibilidade a serviço de evocar coisas absolutamente etéreas, que são, em suma, as importantes”. Cunha de Leiradella, escritor, dramaturgo e roteirista português também encaminha depoimento à escritora, se encanta com o texto de Malluh e confessa que, após ler o livro, sentiu vontade até de conhecer a cidade de Pará de Minas, lugar onde a escritora nasceu e viveu seus primeiros anos de vida. Diz o escritor:

Escrita que dá satisfação de ler. Mas, muito para além da satisfação da leitura, o que se pode imaginar de Pará de Minas. As tuas reminiscências são de uma autenticidade pasmante, e dum lirismo idem. Me deu vontade sabes de quê? De visitar Pará de Minas e andar pela Rua Direita – Rua Benedito Valadares, até encontrar o 338. Eu não saberia contar as lembranças da minha infância como tu contas as tuas. Com o mesmo lirismo, o mesmo carinho e a mesma alegria. (LEIRADELLA, 2013).¹

E é, exatamente, um homem que vai tentar “abafar” o debate sobre a questão de gênero nas obras de autoria feminina e preservar, assim, o discurso dominante, “falocêntrico”. Talvez por não conhecer bem o lado “fêmea/feminina” da escritora. Esse lado que é explícito em *Nua manhã de uma mulher* (1983), *A menstruação da ascensorista* (1993), *Viu querida?* e *Mulheres na linha/Women on line* (2000), só para citar alguns. Sob o título *Malluh Mulher*, o jornalista, escritor e crítico literário, Tião Martins publicou, em novembro de 2010, uma crônica no *Hoje em Dia* falando sobre as crônicas de Malluh Praxedes em *Aquele olhar fora do corpo*. Nela, Tião Martins escreve que:

¹ Arquivo pessoal da escritora Malluh Praxedes

os críticos literários já gastaram rios de tinta, quilômetros daquelas fitas de máquina de escrever e alguns milhões de *bytes*, para discutir se existe ou não uma coisa chamada “literatura feminina, mas que isso se trata de um bate-boca improdutivo, que um dia serve ao preconceito e no outro não serve para nada.(MARTINS, 2010).

Ele disse ainda que, se as pessoas deixassem de lado o “sexo dos anjos”, o que mais importava naquele momento era a qualidade do livro de Malluh, desde a capa até as ilustrações e o desenho das páginas. Segundo Tião, Malluh tem um jeito muito próprio de olhar, amar o mundo, as pessoas e transformar tudo isso em crônicas. Mas fica a cargo dos leitores chamarem do que quiserem: diário íntimo, memórias, confissões ou paisagens humanas.

Mais que olhar para a sua Pará de Minas, que é também a terra do Capitão Hilton Ferreira, ou para Belo Horizonte, espécie de pátria adotiva da autora, Malluh exercita de novo o seu maior talento: escrever com a liberdade e a facilidade (apenas aparente) de um artista que canta, dança, esculpe ou pinta. Na noite do lançamento, em lugar da tradicional dedicatória, Malluh deixou seus lábios impressos em cada exemplar que lhe levaram. E, assim, traduziu a essência do livro, que não é feito só de palavras, mas de uma cachoeira de afetos, lembranças e emoções, que ela divide com o leitor. E que outro gesto humano, além do beijo, simbolizaria tão bem essa entrega? A literatura de Malluh tem sido sempre assim: desnudamento, entrega e sutil convite ao leitor para que deixe a aspereza do cotidiano e penetre em universo paralelo, no qual até a dor e as perdas são atenuadas por um olhar, um abraço, a graça de um vestido, o cheiro do café novinho sobre a mesa e as lembranças da menina, moça e mulher. Malluh não está no mundo só para escrever com a mão esquerda (sua primeira discordância da maioria), mas para construir e amar o outro lado desse mundo. O lado que tantos ignoram e que não se resume ao preconceito, violência, solidão e crueldade. O ritmo, a leveza e a economia com que descreve os personagens desse mundinho besta e maravilhoso fazem do seu livro – mais que coleção de crônicas – um porta-retratos de gentes e lugares que é quase romance, nas mãos da artista que sabe o que é ser a menina, a moça e Malluh, a mulher. (. (MARTINS, 2010)

Destaque-se nessa citação de Tião Martins, seu comentário sobre a escrita de Malluh como contendo algo que pode ser considerado “o seu maior talento: escrever com a liberdade e a facilidade (apenas aparente) de um artista que canta, dança, esculpe ou pinta”. (MARTINS, 2010). Isso acaba por fazer ecoar, de maneira muito criativa, o pensamento de Nietzsche de que “há uma raça de escritores que ensinam a dançar com seus livros”. (NIETZSCHE, 2000, p. 139). O que pode sugerir, ainda, a ideia de que Malluh não só é capaz de escrever como quem dança, mas também de provocar, em seu leitor, esse sentimento de leveza e liberdade, como que lhe ensinando a dançar/ler/fruir lembranças e reminiscências evocadas pela música das palavras.

3 UNIVERSO FEMININO

3.1 Mulher brasileira e feminismo

Quando falamos de mulher brasileira e feminismo vem quase que imediatamente em nossa lembrança, como *top of mind*, o movimento sufragista que teve seu desenrolar a partir do final do Século XIX e início do Século XX. Mas, as sementes do feminismo surgem no Brasil um pouco antes com algumas mulheres, principalmente com a norte-rio-grandense, Dionísia Gonçalves Pinto ou como ficou conhecida por meio de seu pseudônimo, Nísia Floresta Brasileira Augusta. Essa mulher, nascida na cidade de Papari em 12 de outubro de 1810, mostrou-se forte e ousada para seu tempo. Casou-se aos 13 anos. Separou-se do marido, voltou para a casa dos pais e aos 20 anos foi morar com Manuel Augusto de Faria com quem teve dois filhos. Em 1832 publicou *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Após a morte de Manuel, em Porto Alegre (RS) onde moraram, mudou-se para o Rio de Janeiro e em 1938 fundou o Colégio Augusto para meninas.

Inovou no currículo acrescentando matérias que antes eram oferecidas apenas aos meninos, como: latim, italiano, francês, inglês, geografia, história, aritmética, língua pátria e atividades físicas, contrariando tudo que se desejava para as garotas da época, que era a reclusão. E foi mais longe ainda. Condenava, também, o uso do espartilho. E, por todas essas razões, o colégio passou a sofrer várias críticas. Mas Nísia Floresta não se deixou afetar por tais críticas e continuou sua luta para tirar as mulheres daquela condição de submissão ao mundo masculino.

No mundo europeu, as mulheres também passavam por grandes desafios e algumas sucumbiam aos desmandos masculinos. Para se ter uma ideia, Karl Marx, em ensaio publicado na Alemanha em 1946 levantava como hipótese do suicídio de três mulheres a opressão do patriarcado e da tirania familiar nas sociedades modernas (MARX, 2011, p.14). Marx analisa e transcreve excertos compilados dos escritos de um arquivista policial francês, Jacques Peuchet, o qual descrevia entre tantas, a história de quatro pessoas e destas, três eram mulheres. Uma das que mais chama a atenção do filósofo alemão é a de uma jovem da Martinica que foi trancada pelo marido dentro de casa porque ele era muito ciumento. O desespero da jovem a leva ao suicídio. O pensador marxista brasileiro, radicado na França,

Michael Löwy vai dizer:

É de longe o mais importante, tanto por sua extensão como pelos ácidos comentários do jovem Marx a respeito. Aos seus olhos, o caso parece paradigmático do poder patriarcal absoluto dos homens sobre suas esposas e de sua atitude de possuidores zelosos de uma propriedade privada. Nas observações indignadas de Marx, o marido tirânico é comparado a um senhor de escravos. Graças às condições sociais que ignoram o amor verdadeiro e livre, e à natureza patriarcal tanto do Código Civil como das leis de propriedade, o macho opressor pode tratar a mulher como um avarento trata o cofre de ouro, a sete chaves: como uma coisa, “uma parte de seu inventário”. (LÖWY, 2011, p. 19).

O terceiro caso citado por Karl Marx é o de uma jovem que entra em conflito com as regras da família patriarcal, com a hipocrisia social e com as leis burguesas que não a permitiam interromper voluntariamente a gravidez levando-a diretamente ao suicídio. O caso dessa jovem tornou-se famoso e uma das principais bandeiras do movimento feminista depois de 1968, que foi o do “direito ao aborto”. Porém, os casos dessas mulheres, ainda que quase subliminarmente, poderiam ser considerados como uma crítica à sociedade francesa pós-revolução, que se considerava moderna e a mais evoluída da Europa, no que diz respeito às novas posturas sociais. Crítica essa que não se comprova claramente no texto de Marx, mas que pode levar a essa suposição.

Para a professora, historiadora e doutora em Ciência Política pela Universidade de Essex na Inglaterra, Céli Regina Jardim Pinto, há no Brasil três momentos importantes do movimento feminista que tiveram início a partir do Século XIX. A doutora apresenta logo no começo de seu livro, duas tendências. A primeira que ela denomina de feminismo “bem comportado”. (PINTO, 2003). Ou seja, as mulheres ainda não questionavam a opressão que sofriam por parte dos homens e sim lutavam pelo direito ao voto nas eleições, o que só aconteceu com o novo Código Eleitoral em 1932. Tendência que tinha como expoente, a sufragista Bertha Lutz.

E a segunda, chamada por ela de feminismo “malcomportado” e que, nesse caso, já abordava temas ligados às relações de gênero, como o divórcio, o sexo e a educação, abrigou “uma gama heterogênea de mulheres que se posicionam de forma muito mais radical frente ao que identificava como dominação do homem”. (PINTO, 2003). Segundo a professora, nesse grupo estavam incluídas desde mulheres intelectuais que publicavam em jornais, até anarquistas e líderes operárias.

Na literatura de autoria feminina, portanto, os descontentamentos por parte das mulheres brasileiras refletiam em suas obras e eram pontuados como, “atraso social e intelectual²”. Várias foram aquelas escritoras que publicaram nesse período, porém, em sua maioria foram esquecidas ao longo dos anos, principalmente aquelas que não tiveram a oportunidade de participar da Semana de Arte Moderna em São Paulo no ano de 1922. Constância Lima Duarte, em artigo intitulado *Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina* publicado na antologia *Literatura Brasileira de 1930* (2012) comenta, por exemplo, que Gilka Machado teria sido

veementemente combatida pelos escritores modernistas, especialmente Mário de Andrade (1893-1945), por considerá-la por demais escandalosa. Seus poemas desafiavam os preceitos e a conduta moral da época, e deixavam em pânico os falsos moralistas de então. (DUARTE, 2012, p. 337).

Mas, uma terceira vertente “menos comportada”, surge no início do Século XX, como explica Céli Regina Pinto:

A terceira vertente se manifesta no movimento anarquista e, posteriormente, no Partido Comunista. Trata-se de mulheres trabalhadoras e intelectuais, militantes desses movimentos de esquerda que defendem a liberação da mulher de uma forma radical, tendo na maioria das vezes a questão da exploração do trabalho como central, articulando as teses feministas aos ideários anarquistas e comunistas. O menos comportado dos feminismos no período tem como grande expoente, a mineira Maria Lacerda de Moura. (PINTO, 2003, p.15).

Após 1937, o movimento feminista praticamente desapareceu. Porém nos anos 1950, as mulheres começaram se posicionar contra a alta do custo de vida que assolava o país e contra a falta de produtos nos mercados e armazéns, mas tudo isso dizia respeito a toda uma sociedade e não somente às mulheres. Outros movimentos desse tipo foram surgindo e se aproximando daqueles que deram origem ao movimento feminista. Céli Regina Pinto cita Vera Soares³ que diz:

As fronteiras entre o movimento de mulheres e o feminista têm sido sistematicamente ofuscadas, com um número crescente de mulheres pobres, trabalhadoras, negras, lésbicas, sindicalistas, ativistas católicas progressistas e de outros setores do movimento de mulheres incorporando elementos centrais do ideário e do imaginário feministas, reelaborados de

³ Integrante da Comissão de Mulheres do PT de 1982 a 1994. É militante feminista, membro da ELAS -Elisabeth Lobo Assessoria, consultora científica do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da USP (NEMGEUSP).

acordo com suas posições, preferências ideológicas e identidades particulares. (SOARES apud PINTO, 2003, p. 45).

Para a consultora e militante do Elas - Elisabeth Lobo Assessoria - Vera Soares, os primeiros grupos feministas criados na década de 1970 nasceram com o compromisso de lutar tanto pela igualdade das mulheres, pela anistia - com o surgimento do Movimento Feminino pela Anistia, em 1975 - quanto pela abertura democrática. A consultora diz ainda, que muitas mulheres passaram a dirigir sua atuação, por intermédio dos grupos, então, recém-criados, para lutas em bairros e comunidades das periferias urbanas, da Igreja Católica, para clubes de mães, associações de vizinhança, onde donas de casa e mães se reuniam, organizavam-se e mobilizavam-se por questões do cotidiano.

Vários grupos surgiram nos anos de 1970 e 1980 e o Dia Internacional da Mulher, comemorado sempre no dia 8 de março, tem se tornado ao longo de décadas, um momento de reflexão e articulação ou mesmo de protestos pelas mulheres na luta contra discriminação, violência em todos os sentidos e por melhores condições de vida e igualdade de gênero. Os anos de 1990, segundo Vera Soares, também se caracterizaram pela introdução de novas temáticas:

As ações afirmativas, as cotas mínimas de mulheres nas direções dos sindicatos, partidos políticos e, mais recentemente, nas listas de candidaturas aos cargos legislativos, como medidas para superar a quase ausência das mulheres nesses ambientes. Recentemente, a luta pelo direito das mulheres ao aborto tem sido alvo de muitos debates e reportagens na grande imprensa. O conceito de cidadania que o feminismo vai explorar está vinculado ao acesso e à redefinição de direitos: direitos a ter direitos. Identifica a cidadania com o processo de criação de espaços públicos novos e múltiplos, não com a mera ocupação de espaços existentes anteriores à prática dos sujeitos políticos (VENTURI; RECAMANI; OLIVEIRA, 2009, p.

Mas, Vera ressalta ainda que não é prudente afirmar que o feminismo se dá somente no campo das organizações, pois há diversas ações, também, na esfera ideológica e acadêmica. Segundo ela, “o feminismo criou novas maneiras de ler a realidade e reescreveu o discurso público da igualdade da mulher”. E lembra, “muitas jovens são diferentes hoje de suas avós porque existia o movimento de mulheres quando estavam crescendo. As principais ideias do feminismo estão presentes hoje em inúmeros espaços”. Porém, vale destacar que os desafios ainda são inúmeros.

E só para citar alguns, verificamos constantemente nas empresas, as diferenças gritantes de salários entre homens e mulheres que possuem o mesmo grau de instrução e exercem o mesmo cargo, ou o uso exacerbado da imagem feminina, erotizada, como apelo de vendas de produtos para homens. Podemos citar, por exemplo, as publicidades de carros e cervejas. Além, é claro, de anúncios que reforçam a condição da mulher como “rainha do lar”, (sabão em pó, esponjas de aço, alimentos, etc.) ou de que ela é propriedade masculina, reflexo da sociedade capitalista burguesa que enxerga o gênero como um objeto útil aos seus interesses.

Nos últimos anos, com a criação das redes sociais, os *blogs*, vários grupos, pessoas e organizações vêm se destacando e denunciando atitudes machistas veiculadas pela mídia de maneira geral ou questionando o papel da mulher na sociedade atual. Podemos citar alguns deles: Marcha das Vadias, o *site* Cromossomo X e Marcha Nacional contra a Mídia Machista; as escritoras, Cidinha da Silva e Christiane Sobral; a jornalista e proprietária do jornal *Mulier*, Alessandra Muniz, entre outras.

Algumas editoras também vêm dedicando páginas e mais páginas de suas revistas às mulheres. Somente a editora *Abril*, mantém em seu portfólio nada mais, nada menos do que 21 títulos de publicações voltadas para o público feminino. Ela, a editora, conta com uma área dedicada ao estudo e análise permanente do comportamento feminino e através do seu *site*: <http://pensoumulher.abril.com.br>, divulga pesquisas e informações pertinentes ao gênero. Seu *slogan* é “Pensou mulher pensou Abril”.

Não resta dúvida que a Abril sabe muito bem qual é o atual potencial econômico que a mulher contemporânea passou a usufruir a partir de sua inserção no mercado de trabalho, alcançado por meio de suas conquistas ao longo de todos esses processos e lutas por sua emancipação. E é por essa razão, que seus títulos vão atingir as diversas classes econômicas e perfis sociais distintos numa grande sacada de *marketing*.

Porém, é fundamental que a leitora seja criteriosa ao fazer uma leitura de suas páginas. Algumas, em seu conteúdo até reforçam o papel da mulher objeto. É o caso da revista *Cláudia* que em uma de suas capas estampa a seguinte chamada: “E quando ele não quer sexo? Um plano de ação para acender o desejo”. Ou seja, cabe à mulher ser tão desejável e sensual a ponto de curar o homem da falta de libido. (PUBLI ABRIL, 2013).

Mas, ainda que se destaquem em uma ou outra época em suas lutas, a história das mulheres tem sido contada, ao passar dos anos, através do prisma masculino. E para piorar as coisas, elas simplesmente fariam parte de um “suplemento”, como diria Virgínia Woolf em 1929, jamais como protagonistas dessa história em momento algum. Só mais recentemente, ou seja, nas últimas décadas, como relata a professora de Ciências Sociais no Instituto de Estudos Avançados em Princeton (EUA), Joan Scott é que a história das mulheres passou a ser tema de discussão e matéria em universidades. (SCOTT, 1992).

3.2 Mulher mineira e contemporaneidade

Não muito distante, nos anos 70, em Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte (onde algumas feministas já vinham atuando, mas de forma independente), surge um grupo de mulheres universitárias ou já formadas voltadas aos debates e reflexões de diversas questões sobre as mulheres. Porém o tema – que elas denominaram de *leit motiv* - que as levava a se reunir dizia respeito à sexualidade e conseqüentemente, ao prazer, ao orgasmo, ao aborto, à virgindade, entre outros.

Nomes como Beth Fleury (poeta), Beth Cataldo, Bete Almeida (advogada), Lúcia Afonso (editora da revista *Silêncio* e formada em Letras), Mirian Chrystus (jornalista), Márcia Flausina (economista e poeta) entre outras faziam parte desse seleto grupo. Segundo a jornalista e professora Dinorah Maria do Carmo acredita-se que foram elas, as “precursoras mineiras em 1975 do que viria a acontecer em 1980, com a criação do Centro de Defesa dos Direitos das Mulheres (1980/82) e, posteriormente, o Conselho Estadual da Mulher (1983)”. (CARMO, 2008, p. 49).

A jornalista Mirian Chrystus, uma das líderes desse movimento, motivada pelo *Seminário sobre Feminismo* realizado no Rio de Janeiro - com o apoio da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) - em 1975, trouxe o evento para Minas Gerais. Foram muito criticadas. Mas, o que mais chamou a atenção foi o fato de terem, a princípio, enfrentado resistências do Diretório Central dos Estudantes (DCE), ao evento. O DCE era presidido na época, pela primeira vez na história, por uma mulher.

O *Mulher em Debate*, nome dado ao encontro foi realizado durante três dias e contou, nada mais, nada menos, com presenças importantes como as de Rose

Marie Muraro, Theresinha Zerbini (criadora do Movimento Feminino pela Anistia), Branca Moreira Alves (advogada, autora de *O que é o feminismo* e atualmente coordenadora do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher), estudantes, partidos políticos, entre outros públicos. Essas mulheres acabaram formando o grupo Centro da Mulher Mineira e chegaram a publicar uma revista intitulada *Mulher em Debate* quando comemoraram em 1975, o *Ano Internacional da Mulher*. Tornaram-se referência.

Em 1978 o grupo se dissolve e mais tarde volta a se unir novamente. Desta vez, não só para falar sobre virgindade, sexualidade, aborto etc., mas também para falar e debater sobre “os assassinatos de Eloísa Ballesteros Stancioli e Maria Regina Santos de Souza Rocha por seus maridos machistas em 1980” (CARMO, 2008, p. 52). O que acabou culminando em um Ato Público de repúdio em 18 de agosto desse mesmo ano. Tais “eventos” possibilitaram e incentivaram a criação do Centro de Defesa dos Direitos da Mulher.

Porém, no dia 17 de abril de 2011, o *site* mineiro de notícias “www.uai.com.br” estampava a manchete do dia: “*Fácil de matar*”, *invisível às autoridades, femicídio cresceu 30% na última década* (RIZZO, 2011). A matéria fazia parte de uma série de reportagens que seriam publicadas sobre o assunto naquela época. Transcrevo aqui os dois primeiros parágrafos da primeira matéria da série:

Gilmara de Oliveira, 28 anos, celebra a primeira gravidez. Fernanda Martins, 32, escolhe vestidos para levar as três filhas à igreja. Maria do Socorro da Silva, de 27, está na fila do embarque para voltar ao Brasil, depois de trabalhar por 24 meses na Espanha. Andréia da Silva, de 16, desdobra-se em mil para organizar o aniversário de um ano dos gêmeos e estudar para o vestibular. As amigas Eliziele Dionízio, 23 anos, e Gleiciane Gomes, 17 anos, voltam felizes de uma festa. Pausa. As histórias das seis mulheres foram interrompidas um pouco antes do fim da gestação, da seleção das roupas, do início do voo, da festa. Tudo não passa de desejos de familiares e amigos que ficaram na saudade. Gilmara, Fernanda, Socorro, Andréia, Eliziele e Gleiciane estão mortas, assassinadas de forma covarde em 1998, 2002, 2009, 2010 e na madrugada de ontem. Deixaram de viver por serem mulheres. Não foram as únicas. Facadas, tiros, pedradas, foices, machados, arame e chaves de roda foram os instrumentos utilizados para assassinar mais de 4,5 mil mulheres no ano passado em todo o Brasil. É fácil matá-las. Estupros coletivos, torturas psicológicas e físicas, negligências e discriminação – ora mascarada, ora pública - sufocam diariamente as brasileiras. De todas as idades - desde a menina de dois anos estuprada e morta a golpes de enxada no interior do Ceará à senhora de 76 anos estrangulada pelo companheiro no Rio de Janeiro. E de todas as classes sociais. (RIZZO, 2011)

E, se não bastassem as vidas ceifadas de forma cruel, em que o homem é quase sempre o executor, uma frase ainda ecoa: “Fácil de matar, invisível às autoridades”. Porém, os dados acima, apresentados pela reportagem podem não corresponder à verdadeira face do terror em 100%. Eles foram obtidos a partir das secretarias de Segurança Pública, das polícias e dos movimentos feministas. Segundo o *site*, a dificuldade em mapear as informações é a primeira comprovação da invisibilidade do problema para o poder público. Não existe uma estatística atualizada, fiel à realidade, pois a prioridade está sempre voltada para informações de crimes de morte contra homens, jovens, negros e pobres, com o objetivo de reduzir esses incidentes.

E a pergunta que fica ecoando aos quatro cantos é: até quando a mulher ainda continuará sendo relegada a segundo plano no que se refere à violência? Afinal de contas elas já representam 50% do contingente da força de trabalho do país, gerando riquezas e participando de aproximadamente 80% das decisões de consumo.

Segundo dados do Relatório do Desenvolvimento Humano de 1995 divulgados pela ONU, as mulheres trabalham mais que os homens. Nos países em desenvolvimento como o Brasil, a carga horária diária da mulher é 13% maior. E sem falar no alto índice de mulheres que possuem graduação escolar superior a dos homens. Como as mulheres podem ser tão invisíveis assim? Não tenho informações atualizadas sobre esses dados acima mencionados, mas penso que a pergunta continua a fazer sentido: “Estariam as mulheres menos invisíveis agora?”

De acordo com artigo *A violência doméstica contra a mulher e a atuação do Ministério Público após o advento da Lei Maria da Penha* publicado no *site* da Associação Mineira do Ministério Público (AMMP) e informações do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) de dezembro de 2011, mais de 26 mil prisões em flagrante (4.333 por ano) e quatro mil prisões preventivas já foram feitas a partir da execução da Lei Maria da Penha instituída em 2006, que é referência no mundo no combate à violência contra a mulher. Mas só isso não basta para tornar a mulher contemporânea visível e plena de seus direitos, nem mesmo as conquistas de nossas antecessoras.

Em Minas Gerais, os casos de violências sofridas pelas mulheres ainda continuam graves. As notícias em jornais sobre a violência física praticada pelos homens contra a mulher que trai, que sai de casa ou briga com seus maridos e

namorados confirmam uma característica que insiste em prevalecer em alguns homens, o patriarcado. E, mesmo com novas leis, todas as modernidades, mudanças comportamentais e sociais pelas quais o país vem passando, o homem mineiro, em parcela considerável da população, ainda preserva uma cultura do poder sobre a mulher. Ao mesmo tempo, verifica-se que algumas mulheres vêm educando seus filhos como suas mães e avós, ou seja, homens não lavam pratos e mulheres são as “rainhas do lar”. Algumas mulheres, inclusive - em várias partes do Brasil, não só em Minas -, atuam como opressoras de seus filhos, maltratando-os - com o intuito de educá-los - como fazem os homens com suas esposas, perpetuando a violência doméstica, com o consentimento do marido, num sistema de hierarquia.

A socióloga Heleieth Saffioti chama isso de “síndrome do pequeno poder”. Saffioti explica que muita discussão foi travada pelas feministas radicais “a propósito dos serviços gratuitos - domésticos e sexuais - que as mulheres prestam aos homens: a seus companheiros e aos patrões de seus companheiros”. (SAFFIOTI, 2011, p. 73).

A socióloga lembra que o patriarcado serve a interesses dos grupos/classes dominantes e que o sexismo não é meramente um preconceito, sendo também o poder de agir de acordo com ele. “No que tange ao sexismo, o portador de preconceito está, pois, investido de poder, ou seja, habilitado pela sociedade a tratar legitimamente as pessoas sobre quem recai o preconceito da maneira como este as retrata”. (SAFFIOTI, 2011, p. 73).

Em outras palavras, afirma Saffioti,

os preconceituosos - e este fenômeno não é individual, mas social - estão autorizados a discriminar categorias sociais, marginalizando-as do convívio social comum, só lhes permitindo uma integração subordinada, seja em certos grupos, seja na sociedade como um todo. (SAFFIOTI, 2011, p. 73).

Que o diga o *site do Conselho do Macho Mineiro*, reforçando a máxima, *homens não lavam pratos e mulheres são as “rainhas do lar”*, mesmo que em tom de brincadeira:

Para filho homem, jamais deixe que a família de sua esposa ou até mesmo sua esposa ensine aos seus filhos homens a lavar louça, fazer bolo, limpar chão, costurar, etc. Isso pode ser definitivo para que ele opte por escolhas confusas na sua vida. Leve seus filhos homens para pescar, fazer trilha,

mexer na terra, andar no mato e essas coisas de macho para dar referencia e acostuma-los a ser macho desde pequeno. Ensine-o sem forçar a comer carne, legumes, frutas, evite doces. Ensine-o a respeitar a mãe, mas já vá mostrando desde pequeno as diferenças entre os machos e as mulheres, como aptidão para dirigir dos machos, aptidão delas para cozinhar, como elas falam muito ao telefone e nós somos mais objetivos ao telefonar. Vá sempre demonstrando como elas desvirtuam essas coisas simples por serem emotivas e pouco práticas. E se for filha mulher a orientação é deixar por conta da sua mulher mesmo (CONSELHO DO MACHO MINEIRO , 2009).

Por outro lado, no *blog* feminista mineiro, <http://mmm-minas.blogspot.com.br> há um convite para o “Dia de luta pela legalização do aborto”, uma das bandeiras das mulheres, principalmente das brasileiras, que ainda não foi totalmente resolvida como em vários outros países. A manifestação aconteceria em 28 de setembro de 2010 e convocava todas as simpatizantes a comparecerem à Praça 7, no centro de Belo Horizonte, para a manifestação conjunta. O *slogan* era: Legalize!!!! O corpo é nosso!!! É nossa escolha!!! É pela vida das mulheres!!! (MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES EM MINAS GERAIS, 2011).

Como diziam no *blog*, queriam que a manifestação fosse vista pela população mineira, tomasse conta dos debates da esquerda, das organizações, dos movimentos, dentro das universidades e em todos os cantos do país. Segundo as blogueiras: “O capitalismo, o patriarcado, o racismo e a hetero normatividade nos submetem. A rede bem tecida que existe entre eles nos aprisiona. Aprisiona nosso corpo, nossa vida, nosso trabalho, o que sentimos, nossos sonhos e desejos”. (MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES EM MINAS GERAIS, 2011).

No *site* da Organização das Nações Unidas (ONU), artigo publicado diz que a violência contra as mulheres assume muitas formas - física, sexual, psicológica e econômica. Essas formas de violência se inter-relacionam e afetam as mulheres desde antes do nascimento até a velhice. Cerca de 70% delas sofrem algum tipo de violência no decorrer de sua vida. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2013) E, de acordo com o Banco Mundial, aquelas que têm de 15 a 44 anos são as que correm mais risco de sofrer estupro e violência doméstica. Mais do que serem acometidas por um câncer, malária, um acidente de carro e até morte em guerra. São, portanto, dados que ainda amedrontam e convidam a uma reflexão contínua sobre seus papéis na sociedade contemporânea. É de conhecimento dos diversos segmentos que compõem a sociedade brasileira que várias mulheres têm ousado, mesmo sendo educadas para serem invisíveis e submissas. Algumas pagando um

preço alto, além do que são capazes de suportar.

Beth Fleury, por exemplo, em seu depoimento no livro *Mulheres de Minas: Lutas e Conquistas* diz que somente aos 53 anos de idade descobriu o que a fez sensível à luta pelos direitos das mulheres - se referindo ao texto de uma teórica e feminista inglesa, Mary Wollstonecraft sobre o papel da educação na transmissão dos valores patriarcais. Fleury diz:

Nós mocinhas do interior do Brasil, recebíamos nos anos 60 esta mesma educação destinada às moças inglesas dos séculos 18 e 19 – as famílias nos ensinavam a cartilha da submissão, da hipocrisia das mulheres na relação de amor e na vida a dois (dizer a verdade, ser natural, transparente era um suicídio e um absurdo numa realidade dessas). Éramos obrigadas a aprender a viver na base da pedagogia da humilhação e o esteio de tudo isso era a exigência da invisibilidade travestida de bons modos, boa educação, de delicadeza. Até hoje, ao que eu saiba, é este um código de “boa educação” que ainda se exige em Minas, para onde retornei há pouco mais de três anos (FLEURY apud DUARTE; CARMO; LUZ, 2008, p. 58).

O depoimento de Beth é revelador sobre a atual condição da mulher mineira em algumas regiões do interior, capital e do Brasil. E o resultado dessa condição se confirma, em alguns casos, quase que diariamente nas páginas “Policiais” ou de “Comportamentos” dos jornais e tevês. Mas existem ainda, aqueles que não ganham repercussão e nem sequer uma linha nas matérias jornalísticas e ficam restritos apenas aos arquivos da justiça ou esquecidos numa gaveta do repórter.

Outros dados que podem também reforçar o depoimento do poeta sobre uma igualdade de gênero (e que o Brasil ainda está longe de assistir, principalmente em Minas) verifica-se claramente no resultado de uma pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo que ouviu em 2010, a opinião de 2365 mulheres e 1181 homens com mais de 15 anos de idade em todo Brasil, sobre diversos temas, como a violência, o aborto, o trabalho, entre outros. Um resumo da pesquisa foi publicado no *site* do Núcleo de Estudos sobre o Trabalho, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. E o que mais se destaca é o número de horas que as mulheres dedicam aos seus afazeres domésticos em relação ao homem, ressaltando a falta de igualdade de condições de gênero. (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2012).

Só para se ter uma ideia, a jornada semanal média de trabalho doméstico das brasileiras é de 29 horas e 21 minutos, somando-se o tempo dedicado a “serviços de limpeza, cozinhar, lavar e passar roupa” (17h44’), cuidado com crianças (10h) e com

pessoas idosas ou doentes (1h37'), contra 8 horas e 46 minutos declarados pelos homens (ou 6h15', segundo o relato das mulheres) - ou seja, três a quatro vezes menor que a das mulheres. E isso sem falar daquelas que exercem trabalhos fora de casa. Mas ambos os sexos concordam em alguns pontos, como diz a pesquisa:

“homens e mulheres deveriam dividir por igual o trabalho doméstico” - opinião de 84% dos homens e 93% das mulheres hoje (na pesquisa anterior de 2001 eram 87%);
 “quando têm filhos pequenos, é melhor que o homem trabalhe fora e a mulher fique em casa” - 79% e 75% (em 2001, 85%), respectivamente;
 “a mulher é quem deve decidir sobre o trabalho doméstico, não importa quem faça” - 64% e 67% (em 2001, 71%);
 “é principalmente o homem quem deve sustentar a família” - 62% e 51% (em 2001, 65%);
 “o cuidado com doentes e idosos na casa deve ser da mulher” - concordam 42% dos homens e 43% das mulheres hoje (antes 54%), discordam 44% e 47% (antes 42%), respectivamente;
 “os homens, mesmo que queiram, não sabem fazer o trabalho de casa” - concordam 49% dos homens e 45% das mulheres hoje (antes 55%), discordam 41% e 47% (antes 39%), respectivamente. (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2012).

A igualdade de gênero, ou melhor, a falta dela, se reflete não só nesses aspectos dos afazeres cotidianos, mas também na literatura. Segundo lista da UNESCO, divulgada, em seu site, pelo “Observatório da Língua Portuguesa”, em um total de 10 nomes de escritores brasileiros mais traduzidos para outras línguas, nove eram do sexo masculino e apenas um do sexo feminino. Clarice Lispector aparece em penúltimo lugar com 112 traduções. Em primeiro lugar está Paulo Coelho com 1073. Mas não fica só nisso. Em seu livro, *Literatura brasileira contemporânea - um território contestado*, a professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília, Regina Dalcastagnè apresenta o resultado de uma pesquisa que, após analisar 258 romances brasileiros publicados pelas três mais importantes editoras do Brasil entre 1990 e 2004, chegou à seguinte conclusão:

Os dados mostram que o romance contemporâneo privilegia a representação de um espaço social restrito. Suas personagens são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino das classes médias. Sobre outros grupos, imperam os estereótipos. As mulheres brancas aparecem como donas de casa; as negras como empregadas domésticas ou prostitutas; os homens negros, como bandidos. Assim, o campo literário, embora permaneça imune às críticas que outros meios de expressão simbólica costumam receber, reproduz os padrões de exclusão da sociedade brasileira. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 14).

3.3 Malluh Praxedes e o feminino

O livro de crônicas - *Aquele olhar fora do corpo* - foi lançado em Belo Horizonte, no ano de 2010, pela escritora Maria Lúcia Praxedes, ou Malluh Praxedes. Ela é uma escritora contemporânea, jornalista e nasceu em Pará de Minas (MG), no Centro-Oeste, a aproximadamente 90 quilômetros de Belo Horizonte. É filha de Noêmia Leite Praxedes e Sylvio Praxedes. Em sua casa, são oito irmãos, sendo seis mulheres. Como jornalista escreveu mais de 100 matérias para o jornal *Estado de Minas* e durante anos, foi produtora cultural pelo Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). Malluh se auto denomina como uma escritora livre, autoral.

Seus livros, totalizando 14, são produzidos por ela mesma e seus parceiros de empreitada e publicados fora do circuito tradicional das grandes editoras. São eles: *Nascência* (1980), *Nua manhã de uma mulher* (1983), *No verão desta primavera* (1985), *Setilha* (1988), *A menstruação da ascensorista* (1993), *Chico mineiro - 10 anos de casos&comidas* (1994), *Viu, querida?* (1995), *Posso interromper o beijo?* (1998), *Se assim sou/sí así soy* (2000), *Mulheres na linha/Women on line* (2000), *Suspiração* (2003), *Beijos de acender o dia* (2005), *Qualquer mulher tem um diário qualquer* (2008) e *Aquele olhar fora do corpo* (2010). Segundo a escritora, ela faz questão de participar de todo o processo produtivo dos livros que publica, do início ao fim, da escrita até a impressão final. “É como uma espécie de gestação”, revela.

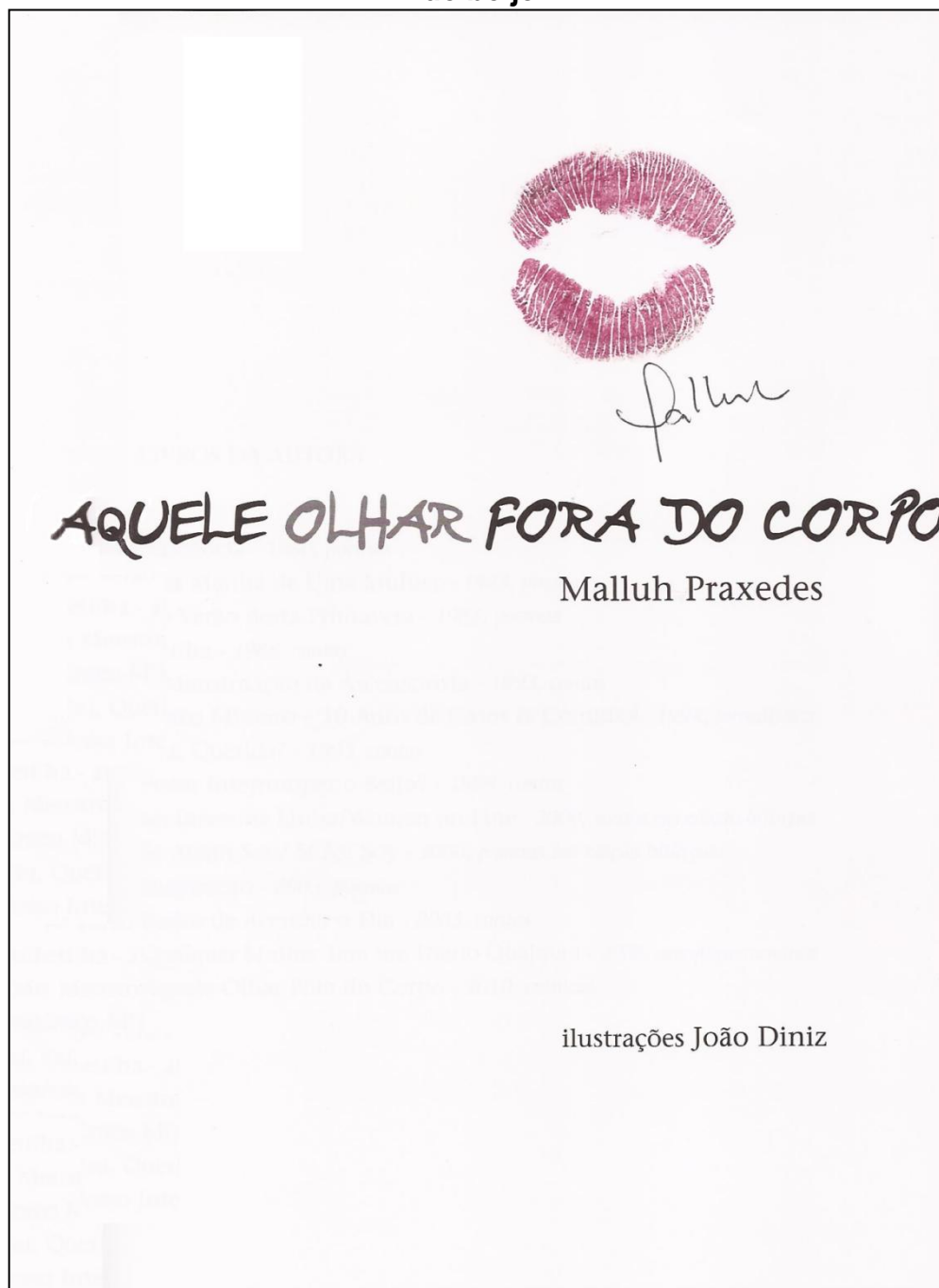
Quem conhece Malluh Praxedes nunca mais se esquece de seu sorriso. Sereno, cativante, algo quase dominador, pois, se um dia alguém citar o nome dela perto de você, logo, logo vem em sua memória, o sorriso de Malluh. É sim, um sorriso de alguém que venceu diversas etapas na vida. Uma mulher de um interior mineiro, cujas tradições eram levadas muitíssimo a sério, como: “mulher deve ser prendada e se casar com um bom partido”, por exemplo. “Viver para a família e manter o casamento, custe o que custar. A religião é algo que se deve cultivar em todos os lares, principalmente nos mais nobres e como tal ser o ‘norte’ para todas as atitudes dos membros daquela família” (PRAXEDES, 2006). Então, sair para morar sozinha e ainda ser uma jornalista e escritora era algo que parecia quase impossível. Ficaria mal falada, com certeza. Mas a família de Malluh era e sempre foi diferente. Eis a primeira vitória.

E Malluh é uma mulher que se pode dizer vencedora, principalmente, quando ela diz que é feliz sem ser casada. “Ser casada não é prerrogativa de felicidade”, diz a escritora. Ela é um ser livre e como tal se sente capaz de colocar nas páginas de seus livros, temas do universo feminino que podem chocar alguns mais desavisados, sem cair no vulgar, ou no escrachado. Ela desnuda a alma feminina e, porque não, a masculina também, sem dó, sem medo do ridículo. Mas ela é também o sorriso daquela mulher acanhada do interior que conseguiu soltar as amarras, que liberou seus sentimentos e que venceu a hipocrisia das tradições interioranas das Minas Gerais. Ela é o sorriso de um pouco de cada uma das mulheres que ainda se encontram presas a uma moral patriarcal.

Já suas "Marias" de seu livro *Setilha*, por exemplo, podem ser, porque não, aquelas mulheres que pensam, sentem, falam e escrevem e que consideram que tudo isso, não é um privilégio somente do mundo masculino. A leitora quando vai lendo, aos pouquinhos, cada palavra, cada poema, cada conto, de uma de suas obras, descobre a poesia que existe no “estar viva”, no ser dona de suas próprias rédeas e desejos. Muitas vezes a autora chega a ser provocativa e ao mesmo tempo sensível. No conjunto de sua obra, percebe-se que, de forma sutil, alfineta/cutuca delicadamente os leitores, sejam eles homens ou mulheres, fazendo com que passem a observar, em si próprios, os mais interessantes sentimentos humanos, porém escondidos sob uma moral quase em decadência.

A escritora pará-minense tinha mesmo que ser provocativa. O ambiente no qual foi criada - família de jornalistas, poetas e músicos - lhe proporcionava essas atribuições. O pai, tabelião e dono de uma gráfica, abria-lhe o mundo para as artes, a literatura, a crítica, o conhecimento de todas as formas. A mãe, mesmo sendo uma mulher predestinada aos cuidados de um lar, nunca se prendeu totalmente às convenções de sua época. Sabia transitar com a devida desenvoltura e leveza em diversos mundos.

Figura 1 - Aquele olhar fora do corpo com o autógrafo da escritora em forma de beijo



Fonte: PRAXEDES, 2010.

Seu médico, psicólogo e poeta, Salomão Polakiewicz disse certa vez que, “muito antes que se organizassem os chamados movimentos feministas, ela se sobrepôs ao convencional de sua época, que estreitava os limites do existir de uma mulher”. (PRAXEDES, 1977, p. 11). Foi convivendo com esse pai e com essa mãe que Malluh aprendeu a ser o que ela queria ser, sem amarras, sem preconceitos,

mas com lucidez suficiente para ser uma mulher plena em seus pensamentos, desejos e atitudes.

Em *Aquele olhar fora do corpo*, a escritora reuniu 47 crônicas, divididas em cinco partes, que foram publicadas (de 2005 em diante) no *site*, *Vitrine Literária* e no jornal *Diário de Pará de Minas*. Escolhidas “a dedo”, ela faz, nessas crônicas, um resgate de sua memória afetiva, lembrando histórias, fatos e personagens reais que povoaram determinada etapa de sua vida. Este é o primeiro livro de crônicas de Malluh. Sua escrita foi um exercício do dia a dia, do dizer a verdade, de falar de um personagem real, de fazer o registro de um tempo. “Nunca as pessoas se aproximaram tanto de mim desde que passei a escrever crônicas. Percebi que esse gênero aproxima mais o escritor do leitor e é extremamente gratificante”, (PRAXEDES, 1977, p. 11).

Segundo depoimento endereçado a Malluh, o poeta José Marcos Ramos⁴ diz que o livro da escritora mineira é “cheio de sentimentos, gostos e experiências. Malluh consegue encher de poesia o cotidiano. A sua narrativa poética, de uma vida bem vivida, encanta o leitor”. Não se pode negar a autoria feminina na obra de Malluh. Como já foi dito, o livro foi autografado pela escritora, na época de seu lançamento, em Belo Horizonte, com um beijo de batom vermelho. No mínimo inusitado, provocante e afirmativo da condição de gênero de quem o escreveu.

Para Malluh, não há como não relacionar a sua escrita com o universo feminino. “Me sinto completamente mulher ao escrever e por mais que eu queira escrever com o olhar de um homem não conseguiria” (MALLUH, 2010). Além das cinco irmãs e da mãe, ela revela que foram exatamente duas mulheres escritoras que mais a influenciaram. A primeira foi Adélia Prado, por sua simplicidade, religiosidade, amor à família e por todos os seus livros publicados e com os quais se identifica. Malluh se refere à Adélia Prado como o seu lado “sagrado”. A outra mulher escritora é a carioca Ana Cristina Cesar que revela a nudez em sua essência e a qual ela denomina de “profana”. São dois lados que convivem na escritora Malluh, mas que um não anula o outro.

Boa parte do universo de suas crônicas são relatos vividos a partir de um “olhar fora do corpo”, ou seja, de fora para dentro. De alguém que parece bisbilhotar, do burquinho da fechadura da porta da frente ou através do “espelho retrovisor”, os

⁴ Arquivo pessoal da escritora Malluh Praxedes

lugares por onde passou e viveu, mas com um certo distanciamento para não cair na pieguice. A esse universo, esse espaço da memória, algumas vezes, femininamente relatado, ora do interior das casas, ora dos lugares por onde frequentou somam-se, ainda, as cartas abertas dedicadas às pessoas queridas, como se fossem trechos extraídos de seu diário íntimo. Isto confirma o que Malluh já havia dito antes a respeito do fato de as pessoas terem passado a conhecê-la melhor quando começaram a ler suas crônicas.

Em *Miss Pará de Minas* (PRAXEDES, 2010) não é diferente. Malluh constrói o texto em primeira pessoa e descreve - como se faz em diários - suas brincadeiras de menina em Pará de Minas. Ao mesmo tempo, a autora utiliza-se dos recursos da memória para contar, também, a história de uma bela moça da cidade que queria ser Miss. Na crônica, a escritora faz, não só um registro memorialístico, mas também histórico e os dois ao mesmo tempo. Suas lembranças da infância a transportam para o passado e a fazem resgatar uma brincadeira da qual somente as meninas daquela época podiam participar.

A brincadeira, numa primeira etapa - a que elas, irmãs e primas, davam o nome de “figura” - consistia em recortar as fotos de belas moças e mulheres bem vestidas, de corpo inteiro, das revistas como, *O Cruzeiro*, *Fatos & Fotos*, *Manchete*, *Desfile* e *Jóia* compradas pelas famílias em papelarias. A segunda etapa da diversão era arrumar o par masculino para aquelas figuras. Mas, quando uma das meninas não gostava muito da foto que havia arrumado, convidava a outra para fazer uma troca e essa era a terceira etapa.

A lembrança da brincadeira de “figura”, serviu como “gancho” para contar a história de Beth Varella, uma moça elegante e muito linda da cidade que seria a candidata a Miss Pará de Minas. Vale destacar que a bela Miss, Beth Varella, representava o estereótipo da mulher que a sociedade burguesa, patriarcal idealizava, ou seja, era branca, loira, da classe média alta, prendada, mas ao mesmo tempo considerada moderninha, pois gostava de fumar, coisa que para a época era até sinônimo de elegância.

Nossa, não acreditamos. A Beth chegou lá em casa cheia de roupas lindas, casaco vermelho de lã, com botões dourados, botas pretas de verniz, um tanto de coisa chiquérrima. Éramos muito amigas da Beth, dividíamos o mesmo quarto, esperávamos ansiosamente sua chegada nos finais de semana, e agora a Beth era Miss. Miss que poderia ser capa de revista, e

tão importante que viraria figura pra gente recortar e brincar. (PRAXEDES, 2010, p. 164)

A memória, nesse caso, torna-se o elemento fundamental para a escrita das crônicas de *Aquele olhar fora do corpo*. Fazendo uma análise da importância do uso desse recurso da memória para a formação de uma identidade individual ou coletiva, Jacques Le Goff et al., vai dizer:

[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF et al., 1994, p. 476).

É essa memória que mais se destaca na obra de Malluh Praxedes. Não só na crônica *Miss Pará de Minas*, mas em diversas outras como em *As moças da Vila dos Atrevidos*⁵, onde Malluh Praxedes vai contar sobre os costumes e comportamentos socialmente corretos, ou não, da sua época de criança em Pará de Minas. Portanto, um comportamento social adequado era o que se esperava das jovens, filhas de famílias tradicionais, cujos nomes e sobrenomes tinham que ser preservados. Já nas primeiras linhas do texto, a escritora diz que naquela cidade pequena, tudo era considerado um escândalo. (PRAXEDES, 2010, p. 71).

As moças da *Vila dos Atrevidos*, por exemplo, não eram o que se poderia chamar de exemplos de comportamento. “Tem umas moças que moram na *Vila dos Atrevidos* que ficam raspando as pernas nas janelas, só pros moços ficarem olhando!... Minhas irmãs raspavam suas pernas escondidas no banheiro, e nós crianças nem podíamos olhar!” (PRAXEDES, 2010, p. 42).

Em *As mudanças que a vida nos oferece* confessa que quer muito comprar uma máquina de costura para fazer uma colcha, uma almofada e outras “cositas” para a sua nova casa. Na crônica *Mulher sim, e daí?*, escreve que não saberia dizer, ao certo, se poderia fazer parte do Dia Internacional da Mulher por que não se via com revolta, mas sim, muito feliz. (PRAXEDES, 2010, p. 169).

Ou em *Quantas roupas eu já vesti* quando narra com detalhes as roupas que vestia em sua época de adolescência. (PRAXEDES, 2010, p. 209).

Vi numa revista um vestido que fiquei completamente apaixonada e convenci mamãe a fazer um igual pra que eu pudesse arrasar na festa. Era pink e cheio de flores miúdas arrematando a saia. Feitas no maior capricho, me deixavam sempre de pé nas festas para não “machucar” as rosas pequenas. Só usava esse vestido em festas de 15 anos ou em casamentos. E, só para lembrar, de mais um, no da Cléa Leitão eu vesti um azul turquesa que eu amei. Tinha cintura baixa, cavas entradas e um arremate de zig-zag do próprio pano, dando um acabamento muito charmoso. (PRAXEDES, 2010, p. 208-209).

Privilégios à parte, Malluh Praxedes sempre foi uma pessoa à frente de seu tempo, como diriam os mais antigos. A sua educação, ocorrida num colégio de freiras (Colégio das Irmãs), bem como a sua criação no interior de Minas Gerais, regida pela família cristã e os bons costumes não a impediu de ser livre e despojada, dona de suas próprias rédeas. Talvez até por ser uma mulher originária da classe média alta, tudo poderia ter sido mais difícil de ser conquistado, já que sua família, como poucas da cidade, era consideradas como referência. As atitudes e decisões da escritora, boas ou ruins, repercutiriam, com certeza, na imagem que se criou em torno dos Praxedes. O amigo e poeta mineiro, Salomão Polakiewicz disse em depoimento endereçado à escritora:

Querida Malluh: li ontem, em duas sentadas, o seu livro. Trouxe-me uma porção de sentimentos. A seu respeito, de admiração: para como sua memória é atrelada ao afeto e, portanto, tão aguçada. Ao modo coloquial, leve, envolvente como você o escreveu. À sua capacidade de ser grata. À sua orientação para existir com celebração da vida. Como coube tanta gente num livro só! Cada um dos que foram lembrados certamente se sentirá distinguido, homenageado. Adorei as cartas que você escreveu. Também conheci um pouco do seu pai, pessoa tão singular, personagem rico para um romance. Mas a grande estrela é sua mãe! Como aquela mulher deu conta de educar com firmeza, justiça e amor seus oito filhos, banqueteá-los com quitutes insubstituíveis, exercer uma atividade tão pioneira quanto caridosa e sem preconceitos, receber chusmas de gente em sua casa, mimar seu pai e, depois, reorganizar tudo numa nova e grande cidade, inclusive novos grupos de pertinência. Aliás, isso foi marcante em sua vida, Malluh - você viveu uma pertinência no seio de sua família, fundamental dádiva! A linda apresentação de seu livro, com aquela capa e aquele papel maravilhoso, é mesmo um ninho, preparado com especial carinho para receber os filhotinhos com que você o recheou. (POLAKIEWICZ, 2010)⁶

Se se pensar na mulher brasileira em relação àquelas de alguns países mulçumanos, por exemplo, veremos que são inúmeras as conquistas alcançadas de meados do Século XIX até os dias de hoje, no que diz respeito aos seus direitos como cidadãs. Já assistimos a mulher brasileira escolher livremente sua profissão,

⁶ Arquivo pessoal da escritora Malluh Praxedes

mesmo aquelas que outrora eram de uso exclusivo dos homens. Pode se eleger a cargos públicos, votar em quem quiser, por sua livre escolha - atualmente a mulher mais importante do Brasil é a presidenta Dilma Rousseff - viajar e morar sozinha, casar ou não, ser uma namorada ou “ficante” (como dizem os jovens de hoje em dia), separar-se do marido por “n” motivos sem que a sociedade a criminalize tanto por ser uma divorciada, escrever um livro de contos eróticos e publicá-lo sem se sentir envergonhada ou ridicularizada e em diversas outras situações que fazem da atual mulher, um ser de “quase plenos direitos”.

Mas, se a comparação se der em relação a países de primeiro mundo, cujos direitos e leis são mais evoluídos, as brasileiras ainda têm muito caminho a percorrer. Porém, seja em que parte do mundo isso ocorra, o patriarcalismo ainda se faz presente. Em uns mais, em outros menos, mas ainda assim, a mulher, em diversas situações, é fruto de um olhar masculino ou está sob o domínio e o poder dele. Só muito recentemente, por volta da década de 1970 é que a história das mulheres está sendo contada por um novo viés e não mais como um apêndice ou um suplemento, ou outro “nome discreto”, (WOOLF apud SCOTT, 1992, p. 75).

Ediana Abreu Avelar, mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e Lia Ciomar Macedo de Faria, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) dizem que as mulheres não identificam o masculino e o feminino como criações culturais. E, segundo elas,

é a partir daí que a política, o sistema jurídico, a religião, a vida intelectual e a artística se impõem como construções de uma cultura predominantemente masculina, na medida em que o masculino e o feminino são acepções imaginárias inculcadas pela historicidade de uma cosmovisão social. (FARIA; AVELAR, 2013).

E completam:

Aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como naturais as relações de poder entre os sexos. Mas, se é verdade que o discurso e as práticas válidas têm sido as originadas no olhar masculino, não se pode perder de vista as concepções do humano em sua essência, devido ao risco de se incorrer em um machismo feminino. Assim, acreditamos que um mundo mais justo, só será construído e validado por meio da participação relativa das mulheres. (FARIA; AVELAR, 2013).

Afirmativas, semelhantes, que Simone de Beauvoir já havia constatado e publicado em seu livro, *O segundo sexo* de 1948. A jornalista do jornal *Financial*

Times (Estados Unidos), Gillian Tett, entrevistou recentemente uma das executivas mais importantes dos Estados Unidos, que comanda toda a parte operacional do *Facebook*, a diretora Sheryl Sandberg. A reportagem foi reproduzida pelo caderno *Eu&Fim de Semana*, do jornal brasileiro *Valor*. Sandberg, que acaba de lançar o livro, *Faça Acontecer - Mulheres, Trabalho e a Vontade de Liderar*, conta como consegue conciliar a vida familiar e a profissional. Mas faz uma constatação ainda mais interessante relatada pela jornalista americana:

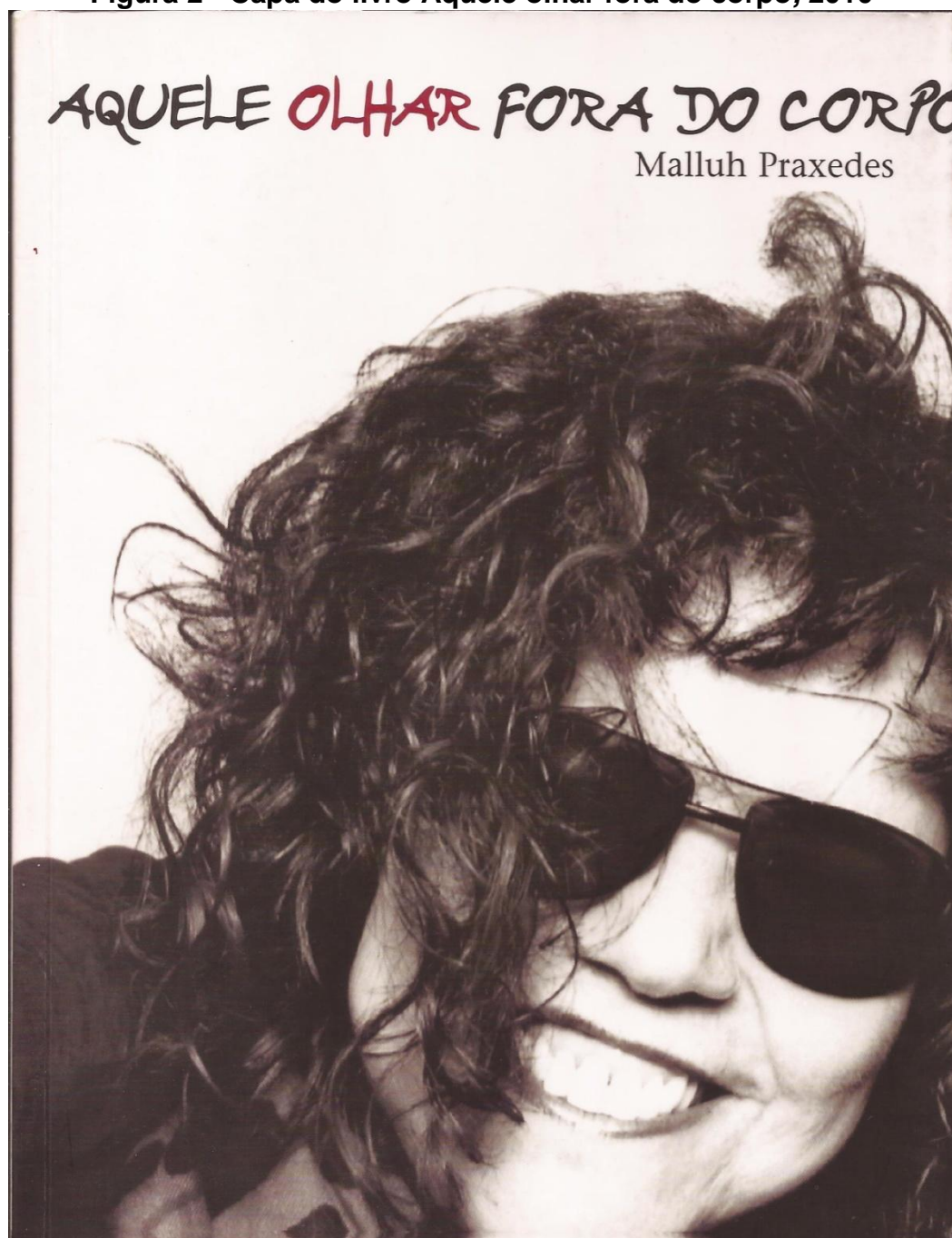
Não importa o fato de as mulheres ocidentais terem ingressado na população economicamente ativa e nos contingentes de alto nível acadêmico em número recorde nas últimas duas décadas: essa conquista não se refletiu nos altos cargos corporativos, dos quais apenas 14% são ocupados por mulheres. De maneira deprimente, esse baixo dado estatístico permaneceu inalterado por dez anos. E, no Reino Unido, esse número é ainda menor, de aproximadamente 6%. “Há estagnação”, afirma. “E ninguém fala disso”. Algumas mulheres atribuem o problema a preconceito da parte dos homens ou a obstáculos institucionais. Mas Sheryl acha que a cabeça das mulheres também tem culpa. Mas especificamente, acha que elas se boicotam ao “se acomodar” na carreira antes e depois de ter filhos, ao não se fazer ouvir e ao se recusar a fazer que os homens assumam igual parcela das tarefas domésticas. (TETT, 2013, p. 14).

Malluh é uma mulher que não se acanha ao assumir a sua condição de gênero, a do feminino. É consciente dela e usufrui tanto dos privilégios já conquistados pelas mulheres ao longo das últimas décadas quanto daqueles ainda discutidos na luta por aceitação ampla e irrestrita das escolhas do feminino. Sua obra é fruto desse desenvolvimento, dessa luta para obter um lugar “ao sol”. Ela valoriza sua condição e, assim como a executiva do *Facebook*, exige maior participação das mulheres, não só nos meios profissionais, acadêmicos, mas, principalmente, na literatura. Não ter vergonha de falar sobre o feminino, sobre sexo ou outro tema que pareça dizer respeito somente aos homens. E depois publicar tudo isso em formato de livro em uma atitude que, algumas pessoas, ainda hoje acham até corajoso por parte de uma mulher. Mas, para Malluh isso é natural, não é necessário utilizar-se de pseudônimos como faziam as mulheres do final do Século XIX e início do Século XX. Ela é uma escritora, e, que por acaso, é do sexo feminino.

Isto não significa limites ou restrições. Ela se impõe e publica seus livros. Nada menos do que 14 títulos e diversos escritos, segundo ela, guardados para mais algumas dezenas de obras. Títulos, os quais irão se desenhando e se construindo cuidadosamente, com esmero, passo a passo, sempre em parceria com

grandes artistas do *design*, da fotografia, das cores, da impressão. Como não está vinculada a nenhuma grande estrutura editorial, Malluh tem o domínio absoluto sobre sua obra, da escrita ao lançamento.

Figura 2 - Capa do livro *Aquele olhar fora do corpo*, 2010



Fonte: PRAXEDES, 2010.

4 O CALEIDOSCÓPIO LITERÁRIO DA MALLUH

Para Malluh Praxedes, o livro, *Aquele olhar fora do corpo* é o seu “filho” caçula, fruto de uma paixão, as crônicas. Escritas em primeira pessoa, todos os personagens que se apresentam na obra são reais e os nomes, quase em sua maioria, verdadeiros. Entre as temáticas observadas no livro da escritora pará-minense, destacamos quatro que consideramos de maior importância por tornarem-se recorrentes na escrita da autora, quais sejam: a família, a escrita imagética por meio do detalhamento, a relevância dos sentidos e a escrita epistolar. Os temas escolhidos formam, portanto, a base que necessitávamos para o entendimento sobre a memória e a representação da vivência feminina observadas na obra da escritora.

Penso que esses temas refletem, também, a seleção consciente e/ou inconsciente, não importa – feita pela autora quanto àquilo que é especificamente seu. Um elenco de lembranças, cenários, diálogos, vozes, figuras, responsáveis, ainda que parcialmente, por um processo de maturidade artística que, sob a perspectiva de um olhar atento, pode ser percebido na escrita aqui em análise. É significativa a leitura de Silvia Helena Simões Borelli sobre um determinado aspecto da volta ao passado.

O resgate das origens e a volta ao passado não deveriam pressupor a restituição de qualquer memória. A memória, para Raymond Williams, deve ser “seletivamente” restaurada de maneira que matrizes culturais tradicionais possam adquirir sentido no momento presente. Acionar matrizes não implica a evocação do arcaico, na lembrança nostálgica do que ficou para trás, ou no desejo de que o mesmo se repita à exaustão. O importante é que se explicita – o movimento de retorno – a existência de elementos originais, presentes ainda hoje, sob a forma de manifestações “residuais”, ativas e expressivas no processo cultural. (BORELLI, 2002)

Nas crônicas que compõem *Aquele olhar fora do corpo*, com certeza, iremos encontrar, em todas elas, pelo menos duas, das quatro temáticas. O jornalista, crítico de música, escritor e professor, José Domingos Raffaelli em mensagem endereçada à escritora, é enfático ao afirmar que Malluh tem uma memória prodigiosa e oferece com riqueza de detalhes e situações, diversos assuntos, a ponto de os leitores familiarizarem-se com nomes de algumas pessoas que jamais conheceram e “às quais ela dá forma e vida ao traçar seus perfis com a precisão de

esmerada artesã das suas cativantes narrativas”. (RAFFAELLI, 2010)⁷. E assim, dessa forma, a narrativa que se desenvolve por meio de um narrador sempre em primeira pessoa, ao olhar de um simples leitor, se transforma em terceira, como se o “eu” do narrador desse lugar ao “eu” ficcional.

A autora conta com uma privilegiada memória eidética, fotográfica sendo, portanto, sua escrita imagética, um dos pontos fortes de sua obra. É com ela que vai tecendo as lembranças, entrelaçando eventos e pessoas ao cotidiano singular e dando forma aos espaços, objetos, roupas, cheiros e imagens. Ensaio publicado na revista *Studium XX*, da Universidade de Campinas (Unicamp), pela fotógrafa argentina Marisa Strelczenia sobre a série de imagens em *Arqueología de la Ausencia*, (de Lucila Quieto), diz que, “o mito conta que na origem da imagem encontra-se a ausência, a nostalgia, a separação dos que se amam”.

Fazendo um comparativo entre a fotografia e a escrita imagética de Malluh, podemos dizer que a memória da escritora vincula o passado ao presente, e como afirma a fotógrafa, “dessa maneira produz uma dupla operação: a de abolir o tempo (porque o que foi permanece, é memorável) e ao mesmo tempo a de representá-lo (porque ao unir o antes com o agora podemos ver a transformação). O imutável é o que não tem tempo”. E é nesse detalhamento fotográfico que se observa em *Aquele olhar fora do corpo* estão presentes, desde as pequenas coisas e objetos que a princípio parecem sem importância até as relações afetivas, tanto familiares como as das pessoas amigas e conhecidas de Malluh. O leitor, ao terminar a leitura dessa trama, percebe a beleza estética de uma técnica que une um passado ficcionalizado à realidade que a crônica muitas vezes exige. E, ainda hoje, se constata nas crônicas a existência de uma polarização entre o “informar” e o fazer literatura.

Polarização que em Malluh é suavizada por uma extrema habilidade técnica que permite à autora conjugar a dimensão literária do lembrado com a dimensão factual do jornalístico. Isso tem como resultado a possibilidade de adicionar ao circunstancial do fato em si a luminosidade da lembrança re-vista por um olhar pleno de sensibilidade.

A psicanalista e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), Marisa Pelella Mélega diz em artigo que,

⁷ Arquivo pessoal da escritora Malluh Praxedes

a memória visual é a mais persistente e é por essa razão que as palavras se organizam para reproduzi-la, em uma perene tentativa de recriar o mundo. Não é por acaso também que as figuras retóricas sejam, então, figuras, isto é, composições relacionadas à imagem, ao que se vê, pois são modeladas por um artesão e recebem uma forma. (MÉLEGA, 2010).

Marisa Pelella Mélega vai nos dizer ainda que:

Existem, de modo abundante, as visões, os sonhos, as alucinações, mas não há criações fantásticas equivalentes no campo dos outros sentidos, nem no plano quantitativo nem no qualitativo. A palavra então escolheu seu tipo de infinito, ou, pelo menos, um veículo privilegiado para aceder: o do olhar. Não há descrição do “outro mundo” na qual não prevaleça o olhar. Mesmo no inferno dantesco, que está imerso na escuridão, até além dos Setecentos, indagados do ponto de vista olfativo e gustativo por Camporesi, porque as fontes literárias consultadas por esse estudioso apresentam, em primeiro lugar, imagens visuais. (MÉLEGA, 2010).

Em *Aquele olhar fora do corpo*, o sentido que mais dá forma às palavras da escritora é a visão. Esta, confirmada pela própria Malluh Praxedes nas primeiras linhas da crônica *Quantas roupas eu já vesti*: “Minhas irmãs costumam dizer que sou muito “criativa” quando falo de minhas memórias. Mas se tem uma coisa que agradeço a Deus diariamente é a nitidez com que enxergo cada cena de minha vida”. (PRAXEDES, 2010, p. 207) Em poucas páginas, a escritora retrata, nessa crônica, nada menos do que 12 modelos de roupas que usou em momentos significativos de sua vida.

Os outros sentidos, como o paladar, o tato, o olfato e a audição também se concretizam no uso do seu olhar refinado. A figura de retórica, sinestésica, ajuda a descrever e fazer aquele elo, entre passado e presente, entre informação e ficção. É assim que percebemos, logo no título da crônica, *Dos cheiros da infância*. Malluh Praxedes vai descrever com essa riqueza de detalhes, incorporando alguns sentidos, principalmente o da visão, do olhar, o que mais lhe chamava a atenção na Rua Direita (a principal da cidade), como as lojas de calçados. Elas eram a sua paixão e tudo era muito chique diz a escritora.

Na do Antonio “Casinha”, ela até podia pedir para experimentar os sapatos em casa, onde sempre conseguia convencer a mãe de que eram aqueles os dos seus sonhos. O “Centro Literário” também ficava no caminho. Frequentemente ia até lá para pegar livros na biblioteca. Mas, e a “Padaria Guimarães”, era “impossível resistir a ela” diz, que ainda se lembra: “quando saio pela rua vou reconhecendo as emoções que sentia”. No “Bar do Ari”, detalhes do lugar e sabores também serviram

de pretexto para ativar as lembranças da infância, das guloseimas inesquecíveis vendidas pelo comerciante e tão desejadas pelas crianças da cidade.

Outra coisa que eu adorava era o sorvete do Bar do Ari. Aliás, picolé redondo de coco. Era o meu preferido. Tudo limpíssimo, bar com mesas e cadeiras coloridas de Formica, que eu achava o máximo. Mas era um bar, então crianças e jovens não ficavam por ali. No máximo pegávamos os picolés e as balas Chita e íamos para a rua saboreando aquelas delícias. Com o passar do tempo, os cheiros da nossa infância ganham formas. É como se o “Eskibon” de caixinha deixasse de ser apenas uma partícula de chocolate quebradiço, com um cremoso gelado branco por dentro, para se tornar parte definitiva em minha estante de divertidas lembranças. (PRAXEDES, 2010, p. 51, 52)

Na crônica, *A arquitetura do olhar*, Malluh Praxedes admite que seus olhos “estão sempre a procura de novidades no ar”. Para cada cidade que visita, como Praga, Moscou, São Petersburgo, Florença, Roma, Barcelona, Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, entre tantas, a escritora registra o que vê, não só com o seu olhar, mas também com a sua máquina fotográfica, o que a deixa sempre muito feliz e encantada. Em visita ao museu de sua terra natal, a escritora vai dizer: “E em 2009, Pará de Minas completou 150 anos. Fui visitar a exposição que está no Museu Histórico. Foi um delírio para o olhar”. (PRAXEDES, 2010) Ela relata, de forma emocional e fotográfica algumas construções que um dia fizeram parte das paisagens, da arquitetura de Pará de Minas e que hoje não existem mais. Ou daquelas que ainda conseguiram ficar de pé, mas que abrigam outras histórias.

O Centro Literário Pedro Nestor era uma edificação genial, com suas sacadas românticas e seus salões com pequenos palcos (num deles Roberto Carlos se apresentou nos anos de 1960). Nossos dois cinemas, Cine Imperial e o Cine Vitória - este, o prédio está lá, com o pouco que restou do que foi... A Prefeitura Municipal e o Fórum - dois edifícios belos e imponentes. Apenas o último continua de pé. ((PRAXEDES, 2010, p. 134)

Em *Amigas secretas*, pela primeira vez, conhece um jeito diferente de tomar leite, “com farinha de mandioca”. Adorava o doce de batata da empregada Marli, as visitas ao açougue, ao mercadinho, à feira. Lembra-se da comida “deliciosa” de Maria, dos montinhos de carne que ela colocava no arroz, dos pés de goiaba e laranja do quintal de sua casa. As amigas secretas eram duas moças que trabalhavam na casa de Malluh. A escritora ia sempre encontrar com as duas em seus quartos para ouvir histórias ou então sair para passear com elas nos fins de semana. Em *Meu pai, minha mãe*, a escritora também faz questão de revelar, em

minúcias, como eram as delícias do café da manhã em sua casa. Aromas, cores e sensações diversas, contados com tamanha ênfase e realidade que levam o leitor a imaginar estar vivenciando tais emoções.

Assim, ao descrever pessoas, lugares, ruas, casas, roupas, objetos e guloseimas, Malluh faz aflorar, reviver, por exemplo, a criança que tem dentro de si - aquela que um dia viveu numa cidade do interior -, do mesmo modo como alguns outros autores também o fazem em suas crônicas, contos e romances. Mas, é a magia do olhar que transforma e fotografa tudo isso, permitindo a leitura mais criativa de *Aquele olhar fora do corpo* e registrando essas emoções que de tão universais, possibilitam aos leitores familiarizarem-se e identificarem-se com o mundo adulto e infantil tornando-se, também, parte dessa história. Até quem nasceu numa cidade qualquer do interior, mas nunca esteve em Pará de Minas, por exemplo, tem a nítida impressão que a conhece e, também, a cada lugar, cada rua, cada objeto descrito pela autora. Aquele que não nasceu ali se lembrará de quando foi criança ou mesmo um adulto e/ou vivenciou uma situação semelhante.

Com a expressão subjetiva de uma vivência que foi (é) sua, a autora consegue - por força de uma visão às vezes ácida e crítica, às vezes suave e profundamente lírica - levar seu leitor a um contato mais profundo com suas próprias experiências e, a partir daí, reconsiderar/reviver percepções e emoções que já lhe haviam parecido perdidas.

A escrita em detalhes perpassa por toda a coleção de crônicas de Malluh. E, como o desfiar do novelo de linha, vai revelando, em movimentos ritmados, sentimentos, cheiros e sabores. Sentimentos que se desdobram em declarações de amor, carinho, afeto, respeito e de muitas saudades, como em *As ruas das minhas turmas*, quando vem em sua lembrança a dor de quando se mudou para Belo Horizonte:

pois quando me mudei naquele janeiro 'sombrio' eu queria morrer de tanto chorar. Deixar meus amigos pra trás foi uma das dores mais insuportáveis da minha pequena vida. Lembro-me de ficar deitada no chão da casa e ter ficado olhando pro teto pra ver se a dor passava. (PRAXEDES, 2010, p. 94)

Emoções de adolescência que também são expostas com intensidade em *A caminho do colégio das Irmãs*. Lembranças das amigas e dos rapazes com os quais flertavam e que faziam os corações dispararem arrancando suspiros de cada uma

delas.

Mas a vida era uma emoção pura. Acho que eu nem imaginava o que iria acontecer com todos nós. E sumimos na imensidão da vida. Cada qual tomou seu rumo e sou capaz de jurar que poucos se lembram de mim. Mas eu não me importo: guardo cada um no meu coração. Com a mesma alegria que sentia ao ver o mundo tomando forma, como o nosso corpo ganhando curvas. Ah! A vida tem sempre seus encantos. (PRAXEDES, 2010, p. 94)

E, ainda, o amor, o carinho dedicados à sua família - principalmente pai e mãe - forjados em palavras, vão costurar as 47 histórias que se entrelaçam e se completam, revelando o perfil biográfico da escritora, quase um diário, quase uma biografia. Em *Meu pai, minha mãe*, Malluh descreve o dia a dia de sua família. A mãe, uma mulher católica, ligada aos trabalhos sociais, não deixava a desejar em suas funções de esposa dedicada e mãe zelosa. Levantava-se cedo, ia diariamente à Capela do Hospital onde comungava e regia o coral. Cuidava de todo tipo de “infeliz”, mães solteiras, presos, pobres, doentes.

Bom, mas eu falava do dia-a-dia de minha mãe. Quando a gente acordava a mesa de café estava posta: pão quentinho, leite, manteiga, café, chá e queijo mineiro ou requeijão. Vez por outra tinha bolo (de fubá, de chocolate – para o Hudson, ou de festa). Com bolo eu gostava de tomar chá. Com o pão quentinho era café com leite. Com *Toddy* ou Nescau eu preferia pão doce. Era uma delícia. No verão sempre tinha vitamina de banana que mamãe costumava levar no quarto quando acordávamos. Tinha sempre um gostinho de limão que ela fazia questão de colocar. (PRAXEDES, 2010, p. 23, 24)

Dona Noêmia Praxedes, como se chamava a mãe de Malluh era daquele tipo de pessoa que todas as crianças e jovens gostariam de ter ao lado. Passava confiança e segurança aos filhos, mas era, também, rigorosa quando precisava. Na crônica, *Meu primeiro dia de aula*, a escritora recorda que Dona Noêmia havia lhe recomendado não aceitar que a professora a obrigasse a escrever com a mão direita. Malluh é canhota. Quando chegou à sala de aula, a pequena Malluh foi logo procurando uma carteira para canhoto. Sentou-se confiante, pois as lembranças daquelas recomendações vieram em sua mente em *flashbacks*, deixando-a reconfortada, mesmo com a possibilidade de a professora lhe chamar a atenção. O que, de fato, acabou ocorrendo.

Por que você está nessa carteira? Você por acaso é canhota?, quis saber a D. Izaltina Menezes. Não me lembro se emiti algum som, mas lembro-me bem de ter afirmado com a cabeça. Lembro-me de tê-la ouvido dizer algo assim: Ih! Não gosto de canhotos, mas já que tem a carteira, tudo bem!

Opa! Foi um alívio e tanto. Pensei que eu era a única diferente na classe, mas que tudo bem, não seria reprimida, palavra que eu desde aqueles dias odiava. (PRAXEDES, 2010, p. 42-43)

Figura 3 - Malluh Praxedes, a mãe Noêmia e o pai Sylvio Praxedes, 1990



Fonte: Arquivo pessoal da escritora Malluh Praxedes

Malluh mantém, realmente, laços familiares muito fortes. Nas crônicas, eles ficam sempre evidentes, a cada linha, mesmo que o assunto pareça seguir por outros caminhos. Então, ela puxa o fio da lembrança e insere uma cena onde algum familiar ou uma determinada situação cumprirá o papel de elo entre os assuntos. É assim na crônica *Meus domingos*. Ela começa contando que, quando criança, não gostava muito desse dia da semana e que sempre o achou chato. Ia sempre à missa das nove, das dez ou das crianças, com sua melhor roupa. Mas lembra que havia um momento que a deixava feliz no domingo. Era saber que após a missa vinha o almoço tão esperado durante toda a semana e que, logo depois, teria o resto do dia para brincar com os primos. Malluh diz que: “Amava ver comida colorindo a mesa farta, com a família inteirinha reunida. Eram os almoços mais agradáveis, todos bem vestidos, alegres e cheios de casos divertidos. Nunca gostei de perder esses encontros”. (PRAXEDES, 2010 p. 156). No final da crônica, a escritora retoma o assunto inicial e diz que “domingo combina com praia”, e que não ver o mar era algo esquisito.

Figura 4- Malluh com os escritores, Oswaldo França Jr., Roberto Drummond, Fernando Morais, Roberto Retamar (cubano) e Carlos Herculano Lopes, em Ouro Preto, 1986



Fonte: Foto de Frei Betto

Figura 5 - Malluh quando criança (terceira da esquerda para direita). Sem data



Fonte: Arquivo pessoal da escritora Malluh Praxedes

Outra temática que poderíamos destacar no livro da escritora e que nos chama a atenção é a releitura que faz da escrita de cartas. Algumas de suas crônicas têm esse estilo. Em *Carta aberta para Guiné*, por exemplo, a escritora utiliza-se desse estilo epistolar para fazer chegar à amiga, o seu pedido de desculpas por ter revelado a ela, quando crianças, que Papai Noel não existia. A doutora em Linguística, Isabel Roboredo Seara, da Universidade Aberta de Lisboa, em artigo apresentado no II Fórum de Partilha Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa em 2008 vai citar: “A forma epistolar é uma forma insubstituível da arte da sociabilidade” (SEARA, 2008, p.142). Segundo ela, escrever uma carta é situar-se num nível superior: intelectual (porque exige reflexão), afetivo (porque partilha a intimidade) e moral (porque obriga a

implicação).

Nesse aspecto, as cartas/crônicas de Malluh não foram escritas no calor dos acontecimentos, mas posteriormente e publicadas ou em jornal ou em *site*. Porém, preservaram o tom coloquial, informal e de diálogo entre ela (escritora) e Guiní (a amiga) como se o fato tivesse ocorrido há pouco tempo.

Embora numa carta a descrição de uma paisagem, o relato de um acontecimento, de uma vivência, a expressão de um sentimento tenham o cunho da veracidade, da não-ficção, porque seu sujeito-de-enunciação é histórico, o material linguístico é submetido ao crivo altamente seletivo do escritor, que recria a sua experiência pessoal. (ANGELIDES, 2001, p. 15)

Malluh recria essa sua experiência pessoal de tempos passados e a transforma em conversas escritas, publicadas em forma de crônicas. De fato, a autora nunca havia escrito essa carta para a amiga. Mas a maneira que encontrou para fazê-la foi além da conversa convencional entre duas pessoas que se querem bem e trocam correspondências. Na crônica essa conversa adquire um tom mais literário, mais abrangente, um pedido de desculpas que se torna público e não, estritamente, no campo do particular como convém às cartas.

Guiní, a vida nos prepara muitas surpresas e eu ainda fico triste quando me lembro o quanto te fiz chorar naquela noite. Perdoe-me, por favor. Tenho por você um carinho muito especial e fico triste cada vez que vou a Pará de Minas e não encontro tempo pra te rever e dar um abraço e trocar aquelas ideias tão divertidas. (PRAXEDES, 2010, p. 148).

Nessa crônica, Malluh vai lembrar, ainda, alguns lugares, amigos em comum, das professoras que elas chamavam de “donas”, da colega Bebê filha da Elizabeth Capanema e, por fim, que no dia 8 de agosto tinha sido o aniversário dela - Guiní - e que tentou telefonar para desejar feliz aniversário, mas não conseguiu fazer contato. A escritora então pergunta à Guiní o que havia acontecido ou se o fato de ela não ter conseguido completar a ligação era porque o número do telefone havia sido mudado. Malluh termina a crônica, como se termina uma carta: “Fico por aqui. Espero que seu aniversário tenha sido um motivo a mais pra você sentir-se querida e feliz. Beijos da amiga de infância” (PRAXEDES, 2010 p. 150).

Na crônica, *Papai faz 100 anos* (a qual ela dedica à memória de seu pai, o senhor Sylvio) esse gênero também se destaca. A saudade do pai, já falecido, faz com que Malluh escreva-lhe uma carta, mesmo sabendo que não teria uma

resposta.

Pai, se você estivesse aqui, a gente com certeza iria fazer uma grande festa, mesmo que você repetisse mil vezes que não gostava de comemorar. E mesmo assim era quem mais se divertia, conversando com todo o mundo que te amava. E ficava feliz, como quando mamãe fazia aquele empadão de frango que você adorava, né? Então, feliz aniversário, pai! E quero dizer que vamos comemorar muito, mesmo sem o empadão da mamãe, viu? Beijos da sua filha, (PRAXEDES, 2010, p. 197).

Emerson Tin, doutor em Teoria e História Literária no IEL/Unicamp, defende a autonomia do gênero epistolar. Segundo ele, essa autonomia pode ser mais facilmente reconhecida em confronto com os gêneros que mais se aproximam do epistolar.

A carta se diferencia do diário na medida em que, embora ambos sejam textos escritos ao longo do tempo, no passar dos dias, a carta pressupõe um destinatário imediato, que é efetivamente o destinatário da carta, enquanto que o diário é supostamente secreto, mesmo que seja escrito tendo em vista um destinatário mediato (por exemplo, o público, se houver uma subjacente intenção de publicação por parte de seu autor). A carta se difere da autobiografia também nesse aspecto do destinatário, pois a autobiografia se destina explicitamente ao público, enquanto a carta, em princípio, é dirigida apenas ao destinatário nela estampado. O mesmo se pode dizer das memórias que, além da intenção de publicação, carregam ainda o aspecto de serem escritas em momento muito posterior à ocorrência dos fatos narrados, enquanto a carta é redigida no calor dos acontecimentos, ou em momento imediatamente posterior. (TIN, 2013).

O pai, Sylvio Praxedes, assim como sua mãe Noêmia, é uma das personagens mais recorrentes nas crônicas de Malluh. Presença marcante tanto na vida social da cidade - pois também exercia o ofício de tabelião - quanto na formação literária e na personalidade da escritora. Em *As mudanças que a vida nos oferece*, ela admite se parecer com o pai em algumas situações da vida e evoca sua presença quando se depara com a recente mudança ortográfica: “adoraria ter meu pai aqui pra gente discutir se a coisa vai funcionar. Papai era uma das pessoas que mais entendia da língua portuguesa. Sabia tudo, o cara. E andava sempre com uma caneta no bolso pra corrigir páginas inteiras de jornais”. (PRAXEDES, 2010, p. 142).

É importante ressaltar que a presença constante de um ou outro membro da família nas crônicas da autora não significa que tenha uma vivência convencional ou esteja aprisionada a ela, reproduzindo comportamentos estereotipados como ocorre com os personagens nos contos *Laços de Família*, de Clarice Lispector, por

exemplo. Pelo contrário, seus laços são fortes, mas não aprisionam, não tornam sua existência condicionada a quatro paredes. É possível perceber na crônica *Mulher sim, e daí?* essa liberdade do que é considerado convencional, mesmo sendo ela, uma mulher criada no interior de Minas Gerais, cujos padrões morais e patriarcais eram e ainda são, normalmente, bem arraigados. Malluh diz o seguinte, logo no início da crônica:

Acabo de assistir ao filme “Memórias de uma gueixa” e sinto-me completamente aliviada. Não tenho absolutamente nada em comum com aquela mulher que não sonhou em momento algum em ser o que a vida lhe reservou. Mesmo que o mundo lhe apresentasse perspectivas, todas eram destinadas a uma vida sem qualquer importância pessoal. Querer era apenas um detalhe. Talvez minha vida tivesse uma “programação” que incluía uma porção de atuações e funções que em nada se pareceriam com o que vivo hoje. (PRAXEDES, 2010, p.167-168)

E não é de se surpreender, portanto, em *As mudanças que a vida nos oferece*, a descrição que a escritora faz da reação do pai, o senhor Sylvio Praxedes, diante de sua decisão de sair de casa para morar sozinha. Ela escreve: “Quando saí de casa, mamãe chorando sem parar e ele me tranquilizou: - Filha, se você não está feliz aqui, porque ficar?”. (PRAXEDES, 2010, p. 144). O comportamento do pai da escritora foge ao padrão socialmente estabelecido, não só para a época em que o fato ocorreu (acredito que tenha ocorrido por volta de 1978), quanto para a sua atitude. Ou seja, quem deveria manter uma filha em casa até ela se casar era o primeiro a dizer para que saísse e fosse feliz a seu modo. Comportamentos como o do pai de Malluh eram raros, mas mostram que, juntamente com outros fatores, possibilitaram o desabrochar literário da escritora.

A criatividade e a facilidade com que a escritora fala do cotidiano, assim como de sentimentos, e os transcreve em cada frase, cada história, cada lembrança com tamanha simplicidade é mais uma das marcas da escrita de Malluh em *Aquele olhar fora do corpo*, pois ainda que seu olhar busque enxergar de fora de seu corpo, seus sentidos estão encravados nas suas palavras, como o sangue que corre em suas veias, algo quase visceral. Esta facilidade em lembrar o passado utilizando-se de uma linguagem simples, de alguém que mais parece estar proseando, cativa e prende o leitor. E é assim, como se fosse um “dedo de prosa” que a escritora descreve na crônica, *Um telefonema pra matar a saudade*, a conversa que tem com sua mãe, nessa época, tanto ela como seu pai, já falecidos.

“Sou eu mãe, Malluh!” Mamãe ficou superfeliz: “Ora, vejam, que surpresa agradável! Muito bem!...” Eu comecei a ficar engasgada, mas não queria que ela percebesse minha emoção e fui falando junto: “Tudo bem por aí? Papai está bem? Sylvio Roberto como está?” “Tudo bem filha! Seu pai está ótimo! Foi tão bonito o nosso reencontro! Eu estava tão saudosa, agora estou como gosto, juntinho o tempo todo!... E o Sylvio Roberto está ótimo! Ele e o Alfredo estão sempre juntos, conversando muito, eram amigos de infância, lembra? Temos encontrado sempre também com o Amadeu Grassi. E sabe quem mais? O Tate, a Olga, o Zezinho, o Juju, meu irmão. Até o Walter da Hilda! Já revi a mamãe e o papai. A Amélia, minha irmã tão querida. A Geny, minha tia, o tio Nelson, a tia Belita, a Tina, minha madrinha, o Júlio filho da tia Celuta, nossa! Vi ainda a Maria, o Mário, meus irmãos queridos... Todo dia a gente reencontra algum conhecido. E sabe quem eu vi dia desses? O Roberto Drummond! Olha, é um outro mundo esse aqui”. (PRAXEDES, 2010, p. 238-239)

Estilo ou apenas uma certa magia, crônica diária documental ou ficção, não importam as definições ou o gênero literário, a escritora pará-minense conquista pela simplicidade e o jeito direto de dizer coisas corriqueiras e que fazem parte do universo de qualquer pessoa, em qualquer lugar. Porém, as crônicas, que a princípio, ou por definição de alguns autores seriam relatos de histórias do cotidiano, mesmo sendo elas verdadeiras, transportam o leitor atento para um mundo ficcional, pois cabem no imaginário do receptor, que deixa de enxergar no narrador a voz que está em primeira pessoa, para perceber um narrador que se coloca como aquele que conta as histórias de outros e não dele próprio, como é o caso da escritora. E esses “outros” podem ser quem os leitores quiserem e couberem em suas imaginações.

Talvez, essa habilidade de Malluh em criar e escrever assim suas crônicas já faça parte do perfil de uma nova geração de escritores que têm na atual formatação dos jornais, *sites*, *blogs* e redes sociais a forma escurteira e sintetizada de dizer as coisas. Quase todas as crônicas de seu livro ocupam o mesmo espaço em número de páginas. Em média, cada uma soma quatro páginas. E como disse Moacyr Scliar sobre o ato de escrever crônicas diárias para jornais: “o jornalismo mostra que objetividade é essencial, que o negócio é ir direto ao ponto. Terceira coisa, decorrência da segunda: aprendi a ser sintético. Se o espaço que me dão é de trinta centímetros, escrevo trinta centímetros”. (SCLIAR, 2002).

Entretanto, o escritor lembra ainda que a literatura pode ensinar algo ao jornalismo e que existe entre eles uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. “Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e a reescrever. Também ensina a privilegiar a imaginação - mas não demais: realidade é

realidade, ficção é ficção”. (SCLIAR, 2002). Como já dito anteriormente, Malluh Praxedes escreve crônicas, frequentemente, para o site, *Vitrine Literária* e jornal *Diário de Pará de Minas*, mas não deixou de permitir a “útil e amável convivência” entre os dois gêneros. Sobre as crônicas ela vai dizer:

Lá publico textos sobre Pará de Minas e assuntos gerais do cotidiano. Mas não me sinto na 'obrigação' de falar somente sobre a cidade. E foi escrevendo sempre que me apaixonei pela crônica. Quase nem escrevo mais contos, sabia? Preciso retomar, mas, a crônica virou um vício!!! (Entrevista realizada em novembro de 2006).

As memórias e a representação da vivência feminina nas crônicas de Malluh Praxedes em *Aquele olhar fora do corpo* se desenrolam por meio dessas diversas outras temáticas. Porém, como já dissemos anteriormente, escolhemos apenas quatro por considerarmos que, estas contemplariam, de modo mais adequado esse universo da escrita da autora. Mas cabe ao leitor ouvir seu próprio coração, sentir os sabores, os aromas, as várias emoções que o mundo oferece, tocar o intocável, buscar enxergar através do caleidoscópio literário da escritora, ou como alguém que puxa o fio da meada, as demais temáticas que se escondem entre as simples histórias de um cotidiano qualquer. Seja em forma de cartas, memórias, um quase diário, uma autobiografia ou uma crônica do dia a dia, não importa, a obra de Malluh é assim, uma “prosa” entre amigos, entre irmãos, ou em família, no melhor estilo de alguém que tem suas raízes no interior de Minas, mas direciona seu olhar para os infinitos percursos do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certa vez, por volta do início do Século XX, Virginia Woolf diria que as mulheres começavam a respeitar seu próprio sentido de valores e que, por essa razão, a substância de seus romances começava a mostrar certas mudanças. E, se antes falavam apenas de seus sofrimentos, agora já conseguiam explorar o mundo das mulheres e a escrever mais sobre elas, não só de si próprias. E que, até aquela época, as mulheres na literatura eram apenas uma criação dos homens.

É do conhecimento comum que os movimentos feministas, no caso do Brasil, mais precisamente nos anos 1960 tiveram uma importância muito grande no comportamento das mulheres, pois elas saíram de suas limitações domésticas para serem sujeitos de suas próprias histórias, tornando-se mais independentes dos homens. Não só do ponto de vista financeiro, mas em diversas outras áreas da vida. Na literatura não foi diferente e isso também ocorreu.

Consideramos que a escritora mineira, Malluh Praxedes, seja um dos frutos desse processo histórico, resultado dos diversos movimentos, das conquistas obtidas no final do Século XIX e no Século XX, que elevaram a posição da mulher a uma condição de maior liberdade e autonomia. Pode-se perceber, por exemplo, em várias de suas crônicas, a grande diferença do tipo de relacionamento que existiu entre sua mãe Noêmia e o pai Sylvio Praxedes e a atual vivência da autora. A primeira de interdependência e vida voltada para o “servir”, ainda que com todo o respeito necessário. A segunda, de total autonomia e liberdade para fazer o que quer. De pensar, de amar sem precisar ter vínculos oficiais, de ir e vir sem ter que dar satisfações, de escrever sem rodeios, sem medos de se expor e de falar de outras mulheres, como diria Virgínia Woolf.

Outra consideração que podemos fazer quanto à obra de Malluh é a de que sua escrita, não só na forma, mas também no conteúdo, é feminina. A escritora dá “sexo ao anjo” e não se acanha, nem um pouco, em admitir tal coisa, pois conquistou a condição de se expressar e sente-se feliz dessa forma. Suas memórias, entretanto, se é que podemos dizer assim, são fotografias em alta definição, do cotidiano. Porém, a um primeiro olhar, não nos parece algo que seja surpreendente do ponto de vista do inusitado, do incomum. Ao contrário, elas são partes daquilo que poderíamos considerar o habitual na vivência da maioria das

crianças, das adolescentes ou de uma adulta que viveu, boa parte de sua vida, numa pequena cidade. Mas essas memórias tornam-se, sim, extraordinárias, quando passam a fazer parte da grande poesia do cotidiano, pelas mãos hábeis de artistas como Malluh Praxedes, mais um nome de peso na linhagem de expressivos (as) cronistas brasileiros (as).

Quanto à minha curiosidade em descobrir o porquê de não publicar através de grandes editoras, acredito que, após proceder à leitura de suas crônicas, cheguei à conclusão de que a liberdade que Malluh tenta preservar, ao participar do processo de publicação de seus livros, do começo ao fim é mais importante, mais significativa do que quaisquer facilidades que ela poderia vir a ter se vinculada a uma grande editora.

Malluh aprendeu bem a lição da liberdade e, com ela, acredita que pode fazer o uso que mais lhe convém, que a faça melhor e mais feliz, a seu modo, como mulher - gênero fruto do social, como diria Simone de Beauvoir, mas com a consciência disso -, principalmente como um ser que está no mundo e faz da sua arte, a literatura, a essência do viver.

REFERÊNCIAS

ANGELIDES, Sophia. **Carta e literatura**: correspondência entre Tchekhov e Gorki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ASSIS, Brasil. **vocabulário técnico de literatura**. Rio Grande do Sul: Edições de Ouro, 1979, 232 p.

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis, obra completa**. Afrânio Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979. v.3, p. 369.

ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. **O movimento feminista nas páginas dos jornais feministas do Brasil e da Argentina**: nós mulheres, mulherio e persona em cena. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Maria_Cristina_de_Oliveira_Athayde_07.pdf> Acesso em: 30 ago. 2013.

ATHAYDE, Tristão de. O jornalismo como gênero literário. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 06 out. 1957. (Suplemento Literário).

AUMENTA a violência contra mulheres no mundo. **AMMP Notícia**, n. 53, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.ammp.org.br/inst/jornal/Jornal-35.pdf> > Acesso em: 30 ago. 2013.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. O corpo e a voz da mulher brasileira na sua literatura: o discurso erótico de Márcia Denser. **Revista Discente do CELL**, nº 1, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=128>> Acesso em: 29 ago. 2013.

BALDISSONE, Giusi. Os olhos da literatura: mitos, figuras, gêneros. **Ide**, v.33, n.51, dez., 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000200018&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 30 ago. 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Ronanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. V. 1.

BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, p.87-98, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006> Acesso em: 30 ago. 2013.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Gêneros ficcionais: materialidade, cotidiano, imaginário. In: SOUSA, mauro Wilton de. (Org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Crônica/mulher, mulher/crônica. Boletim Bibliografico, Sao Paulo, v.46, n.1-4, p.81-9, jan./dez. 1985.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CANO, Jefferson. **Folhetim**: Literatura, imprensa e a conformação de uma esfera pública no Rio de Janeiro do Século XIX. Disponível em: <ifcs.ufrj.br/~nusc/cano.pdf> Acesso em: 30 ago. 2013.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARMO, Dinorah. O movimento de mulheres em Belo Horizonte. In: DUARTE, Constância Lima; CARMO, Dinorah; LUZ, Jalmelice (Org.). **Mulheres de Minas**: lutas e conquistas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2008, p. 49.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura**: A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. (Ensaio transversais, 18).

CAVALCANTI, Stela Valéria. A violência doméstica contra a mulher e a atuação do Ministério Público após o advento da Lei Maria da Penha. **MPMG Jurídico**. Disponível em: <<https://aplicacao.mp.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/724/11.%20A%20viol%C3%AAAnica%20dom%C3%A9stica%20contra%20a%20mulher.pdf?sequence=1>> Acesso em: 30 ago. 2013.

COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO DE, Gustavo. (Org.) **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. Introdução: **A presença da mulher na literatura brasileira contemporânea**. In: COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano. 1993.

CONSELHO DO MACHO MINEIRO. 01 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.conselhomachomineiro.50webs.com/doutrina.html>> Acesso em: 14 maio 2013.

CONSELHO ESTADUAL DA MULHER. Percepção e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher. **Estudo e pesquisa**. 2006. Disponível em: <<http://www.conselhos.mg.gov.br/cem/page/publicacoes/estudos-e-pesquisas>> Acesso em: 30 ago. 2013.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento feminista no Brasil**: dinâmicas de uma intervenção política, in labrys, estudos feministas / étudesféministes, janeiro / julho 2005 - janvier /juillet 2005.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Ensaio e crônica**. In A literatura no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1971. v. 6. p. 105-128.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Ed.da UERJ, 2012.

DIMAS, Antônio. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo? In **Revista Lettera**. Rio de Janeiro, v.4, n.12,p.46-51, dez. 1974.

DUARTE, Constância Lima. A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade. **Vivência Revista do CCHLA da UFRN**, Natal, v.9, n.2, jul./dez., 1995.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17 , n.49 , p.151-172, set./dez.2003.

DUARTE, Constância Lima; CARMO, Dinorah; LUZ, Jalmelice. **Mulheres de Minas**: lutas e conquistas: em comemoração aos 25 anos de criação do Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais, Imprens, 2008. 412 p.

DUARTE, Constância Lima. Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina. In: WERKEMA, Andréa Sirihal et al. **Literatura brasileira 1930**. 2012. 335p.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Historia das mulheres no Ocidente**. São Paulo: Ebradil, 1993-1995.5v.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: São Paulo: Ebradil, 1995.

ESCRITORES de Língua Portuguesa mais traduzidos. **Observatório da Língua Brasileira**. 18 abr. 2013. Disponível em: <<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/lingua-e-cultura/escritores-mais-traduzidos>> Acesso em: 30 ago. 2013.

FARIA, Lia Ciomar Macedo de Faria; AVELAR, Ediana Abreu Avelar. **Ser mulher na contemporaneidade**: contribuições da teoria do imaginário social. Disponível em: <http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/lia_e_ediana.pdf>Acesso em: 30 ago. 2013.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO - Núcleo de Opinião Pública. **Mulheres brasileiras no espaço público e privado**. 17 abr. 2012. Disponível em:<<http://nest.cienciassociais.ufg.br/pages/35859>>Acesso em: 30 ago. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Tradução Patrícia Farias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques et al.. **História e memória**. 3. ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1994. (Repertórios).

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte, 1990. (Clássicos do Jornalismo Brasileiro: 4).

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LÖWY, Michael. Um Marx insólito. In: MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES EM MINAS GERAIS. 25 ago. 2011. Disponível em: <<http://mmm-minas.blogspot.com.br>> Acesso em: 15 jun. 2013.

MARTINS, Luís. **Do folhetim à crônica**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972. Coleção Ensaios.

MARTINS, Tião. Aquele olhar fora do corpo. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 29 nov. 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre a literatura e a arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1971. (Coleção teoria;7)

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEYER, Marlyse. **Voláteis e versáteis**: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.

MÉLEGA, Marisa Pelella. Os olhos da literatura: mitos, figuras, gêneros. **Ide versão**, São Paulo, v.33, n. 51, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062010000200018&script=sci_arttext> Acesso em: 30 ago. 2013.

MULHERES mineiras mobilizadas no combate à violência. Disponível em: <<http://www.social.mg.gov.br/index.php/0708-mulheres-mineiras-mobilizadas-no-combate-a-violencia.html>> Acesso em: 30 ago. 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Coleção das obras de Nietzsche)

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Violência contra as mulheres: a situação. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/unase/sobre/situacao/>> Acesso em: 30 ago. 2013.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. A crônica feminina brasileira no século XIX. In: FAZENDO GÊNERO, 9, **Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Santa Catarina: UFSC, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/conteudo/view?ID_CONTEUDO=12> Acesso em: 30 ago. 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, p.237-253, maio/ago. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23971> Acesso em: 30 ago. 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**.v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PRAXEDES, Malluh. **Aquele olhar fora do corpo**. Belo Horizonte: Formato, 2010.

PRAXEDES, Malluh. **Lancamento do livro Aquele olhar fora do corpo**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/radio/arquivos/200705.shtml>> Acesso em: 30 ago. 2013.

PRAXEDES, Noêmia Leite. **Você já fez uma “parada” na vida?** Belo Horizonte: Rona Editora, 1997, p. 11.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2007. 535 p. (Espaços da memória).

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila. **Estéticas tecnológicas**: novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008. 518 p. (Coleção Comunicação e semiótica).

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo Escrituras, 2002. 180 p. (Ensaio transversais;18)

STEVENS, Cristina. **Mulher e literatura - 25 anos**: raízes e rumos. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PUBLI ABRIL. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/claudia/revista/informacoes-gerais>> Acesso em: 14 ago. 2013.

REIS, Ana Lúcia Silva Resende de Andrade. **O romance de folhetim no Brasil do século XIX: modelos e inovações.** Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/>> Acesso em: 14 dez. 2012.

RIZZO, Alana. **Invisível às autoridades, femicídio cresceu 30% na última década,** 17 abr. 2011. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2011/04/17/interna_nacional,222246/invisivel-as-autoridades-femicidio-cresceu-30-na-ultima-decada.shtml> Acesso em: 30 ago. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 73.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história.** São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-65

SEARA, Isabel Roboredo. **A palavra nômada:** contributos para o estudo do gênero epistolar. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n1_fulltexts/1g%20isabel%20seara.pdf> Acesso em: 30 ago. 2013.

SEARA, Isabel Roboredo. **Texto epistolar:** epifania do eu ou culto do social? In: Formas e espaços de sociabilidade: contributos para uma história da cultura em Portugal. Lisboa: Universidade Aberta/ Instituto Camões, 2006.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil.** Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/uploads/vera.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2013.

SEARA, Isabel Roboredo. **A Palavra nômada.** Contributos para o estudo do gênero epistolar. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n1_fulltexts/1g%20isabel%20seara.pdf> Acesso em: 30 ago. 2013.

TETT, Gillian. O malabarismo de ser mulher. **Jornal Valor/Eu&Fim de Semana,** n. 652, 10-12 maio, p. 14.2013.

TIM, Emerson. **Cartas e literatura:** reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2013.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz. A crônica como gênero. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, 7 out. 1967.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de; RAGO, Margareth et al. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Org.). **A mulher**

brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

WERKEMA, Andréa Sirihal et al. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM LITERATURA BRASILEIRA. **Literatura brasileira: 1930.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 359p (Invenção)

APÊNDICE A - Entrevista com Malluh Praxedes⁸

1- É ou foi casada?

Não, não sou casada.

2- Quando percebeu que seria uma escritora?

Provavelmente aos 12 anos quando comecei a escrever diários cheios de pequenos poemas.

3- Qual foi seu primeiro texto, um poema, um conto, um artigo, o quê?

Primeiro texto foi um poema que falava algo mais ou menos assim: "Com Deus aprendemos a viver/sem Ele aprendemos a morrer".

4- Como você define seu estilo?

Totalmente livre. Escrevo de um jeito que remete a um diário mesmo.

5- De qual livro você mais gosta e por quê?

A Menstruação da Ascensorista mudou o rumo da minha vida de escritora.

6- Suas poesias, seus contos são recheados de sensualidade e de um jeito de pensar bem feminino. Podemos chamar sua poesia de feminina?

Sim, adoro o universo feminino.

7- Como você tem conquistado espaço na mídia e no gosto das pessoas?

Acho que é pelo 'conjunto da obra'. Trabalho muito como produtora, como jornalista/assessoria de imprensa e como escritora. Agora tenho escrito crônicas e feito letras de música, então tudo isso junto envolve muita gente. Pode ser um motivo.

8- Qual o caminho para ser uma escritora reconhecida?

Cair na mídia. Não me considero uma escritora conhecida, reconhecida sim - tenho

⁸ PRAXEDES, Malluh. Parte da entrevista concedida a autora desta dissertação. Belo Horizonte. Minas Gerais, 2006.

tido boas respostas para o meu trabalho.

9- É difícil ser uma escritora no Brasil?

É difícil sim. Principalmente 'escritora'. Nem sempre somos reconhecidas como tal. Pode observar: quando uma escritora faz poesia, chamam-na 'poetisa ou poeta', nem sempre consideram as poetisas escritoras. Não sei explicar exatamente, mas percebo bem esta conotação.

10- A cultura do lugar onde você nasceu está sempre presente e influencia a sua obra?

Completamente. Pará de Minas é uma cidade extremamente católica e fui criada ouvindo meus pais dizerem que "o vigário disse que..." Muita culpa ameaçando a felicidade, a opção de vida tão particular. Foi numa briga interna que exorcizei os fantasmas e passei a ir em busca da tal felicidade.

11- Seus personagens são todos verdadeiros/reais?

Os personagens por mais verdadeiros que possam parecer, são frutos da imaginação de quem os cria e de quem os lê/vê. Na minha opinião, falo sempre sobre isso, a verdade não existe. Cada ser imagina o que vê/vive a seu modo. Tente pedir a um casal que descreva uma viagem que acabaram de fazer. Cada qual tem uma visão da estrada, dos perigos, das dificuldades, das alegrias. Impossível montar este quebra-cabeça. E essas diferenças são simplesmente geniais.

12- Fazem parte do seu mundo real?

Meus personagens nascem a qualquer hora, num filme que assisto, numa música que ouço, numa cena que percebo na rua. Qualquer um pode virar personagem.

13- Como acontece o ato criador?

Gosto de escrever sempre. Não tenho critério, sou compulsiva. À noite escrevo melhor, mas as manhãs me tiram da cama para escrever muito mais.

14- Sofreu influência de algum ou alguma grande escritora?

Sempre falo em Adélia e na Ana Cristina - duas poetisas que me instigam, seja pela visão sagrada, seja pela profana. Ambas têm uma intensidade quase mortífera, não

sei explicar ao certo. E a poesia musical é outra forma que me encanta. Vejo Chico Buarque como meu poeta mor. Caetano, o Gil, Ronaldo Bastos, Fausto Nilo, Arnaldo Antunes. Todos fazem parte do meu universo criador.

15- Já ganhou algum prêmio importante?

Ganhei o prêmio Alfonsina Storni, em Buenos Aires, na 9a. Fiesta de la Poesia Latinoamericana. Foram 3189 inscritos e 40 poetas premiados. Fui a única brasileira naquele ano.

16- Você acha que a mulher ainda é muito discriminada pelas grandes editoras? O homem ainda é mais editado do que as mulheres?

Difícil responder a esta pergunta. Atualmente não me vejo discriminada, sinto-me privilegiada por poder mostrar meu trabalho. Sou escritora autoral e a imprensa me respeita por isso. Não sei se mais ou menos, o problema são as editoras que não querem nem nos conhecer. Mas aqui cabem todos - homens e mulheres.

17- Você percebe que ainda existe preconceito pelo jeito feminino de escrever ou isso já é coisa do século passado?

Não sinto tanto mais não. Melhora a cada dia, com certeza.

18- O que é ser poeta, escritora hoje no Brasil?

Sobrevivente. Ainda não se vive bem, a não ser que você caia na mídia televisiva. É aqui que reside 'o perigo'.

19- Quem é Malluh Praxedes?

Sou uma escritora de Pará de Minas, feliz por conseguir trabalhar em todas as áreas que gosto - letras, música, produção cultural, jornalismo. E ainda gosto de decoração e de fazer colagens utilizando meus amigos e artistas como fonte de inspiração.

20- Como e de que forma Malluh Praxedes quer ser lembrada um dia?

Ah! com certeza como uma batalhadora. Em todas as áreas que gosto. Quero que saibam que também sou uma pessoa feliz. Pouco ficou faltando - falar algum idioma, socorro!!!, dirigir, sonhar mais com o meu trabalho. No mais, venho a cada dia realizando meus sonhos, um a um.

ANEXO A - Seleção e Crônicas

Meu pai, minha mãe⁹

Meu pai era tabelião, desde que eu nasci. Minha mãe catolicamente ligada a trabalhos de assistência social. Cuidava de todo o tipo de infeliz: mães solteiras, desempregados, presos, pobres, doentes. Era uma ladainha a vida de minha mãe: cedo, ia primeiramente para a Capela do Hospital, onde regia o coro e comungava diariamente. Depois, em casa, começava a confusão: mingau de fubá ou de maisena para o papai, que era levado em uma bandeja por um de seus filhos com o jornal para que fosse lido ali mesmo, na cama. Se a gente demorasse com o mingau de fubá, o queijo começava a endurecer e o papai pedia pra gente devolver: tínhamos que chegar com o queijo molinho, molinho...

Da mesma forma tinha que ser com a canela no mingau de maisena: não podia esfriar que dava nata. Então eu já sabia que da cozinha para o quarto do papai eu tinha que correr muito e levar a canela para ele mesmo colocar. Fiquei craque nisso e nos últimos anos que moramos em Pará de Minas lembro-me de ter feito esse trajeto quase que diariamente. Gostava daquela função. Aproveitava para elogiar o papai lendo jornal que eu achava o máximo: tantas letrinhas, né, papai? Ficava eu puxando assunto. Aproveitava também para dizer “À benção pai!” E ele respondia “Deus te abençoe, minha filha!” Eu adorava ouvir meu pai me chamando de “minha filha”.

Ele fazia isso com todos lá de casa, eu acho, mas quando ele falava pra mim, eu sentia uma coisa tão linda e especial que eu nem sei se tive oportunidade de dizer isso a ele. Depois era a hora do banho dele. Nesse instante papai costumava fechar a porta do quarto e a gente tinha que ficar de fora. Frequentemente mamãe me chamava: – Olha se seu pai deixou a porta do quarto aberta?... Se deixou você pega uma nota de 100 no bolso do paletó. Tem que ser antes dele sair do banho. Eu corria. Acabei me acostumando, estava expert nesse “roubo” matinal. Esse dinheiro era para pagar algum açougue ou mercearia onde a gente tinha caderneta. Lembro-me de papai ter-me pego tirando uma nota de 50 e ele acabou rindo muito: – Quer dizer que é você que vem me roubando, né? Mamãe, claro, salvou a situação e

⁹ P. 21- 26

nesse dia ele não criou caso. Papai detestava notar que não tinha dinheiro em seus bolsos.

Bom, mas eu falava do dia-a-dia de minha mãe. Quando a gente acordava a mesa de café estava posta: pão quentinho, leite, manteiga, café, chá e queijo mineiro ou requeijão. Vez por outra tinha bolo (de fubá, de chocolate – para o Hudson, ou de festa). Com bolo eu gostava de tomar chá. Com o pão quentinho era café com leite. Com Toddy ou Nescau eu preferia pão doce. Era uma delícia. No verão sempre tinha vitamina de banana que mamãe costumava levar no quarto quando acordávamos. Tinha sempre um gostinho de limão que ela fazia questão de colocar.

Hora de mandar a turma para as escolas e colégios. Mamãe aproveitava para cuidar do jardim e supervisionar a lida das empregadas (sempre mais de uma). Uniformes passados, roupas lavadas, comida pontualmente às 11h30 na mesa porque papai chegava morrendo de fome. Todos à mesa – nunca pudemos comer com pratos nas mãos. Mas eu gostava daquela mesa comprida, cheia de irmãos pra brigar pelo melhor pedaço do frango. Ou pelos bifês à milanesa gigantes que comeríamos com purê de batatas. Hudson, o irmão mais velho ficava na ponta da mesa. Mamãe de frente pro papai e os outros meio sem lugares definidos. Quando tinha visita os menores eram colocados na mesa gigante do quintal. Eu adorava, por que na hora do lanche sempre comíamos salsicha ou salame (mortadela).

Lá pelas duas da tarde uma moça magrinha aparecia pra buscar o lanche pra levar pro papai no Cartório 3º Ofício de Notas, no Fórum. Levava uma garrafa de café com pão, bolo e queijo que o papai sempre adorou. Nesse intervalo mamãe costumava fazer seus trabalhos como Assistente Social: visitava os doentes, ia na favela, uma vez por semana na Sopa dos Pobres e na cadeia onde conversava com os presos e soldados. Quando voltava pra casa os mais velhos já tinham nos dado banho. Mamãe perguntava por cada um e Maria Marta (a mais ligada na lida da casa) apresentava o relatório completo – quem brigou com quem, quem não quis estudar, quem saiu sem avisar, quem bagunçou a casa. Se precisasse mamãe aproveitava para por de castigo. Eu, particularmente detestava essa possibilidade... Passado o susto vinha a hora melhor: todos à mesa para o jantar que eram sopas deliciosas com pães quentinhos e sempre depois do jantar papais nos chamava pra uma volta de carro. Mamãe ia na frente com ele, os dois sempre conversando o que eu nunca ouvi, mas passando por lugares que eu adorava: íamos até a porteira,

onde hoje fica o Parque de Exposição.

Começava a escurecer, voltávamos para casa, minhas irmãs colocavam disco na radiola e mamãe pedia que elas nos ensinassem a dançar. Pés em cima dos pés delas, íamos revezando: mamãe gostava que dançássemos com todas “assim vocês aprendem a acompanhar qualquer pessoa”. Era uma delícia dançar ao som de Nat King Cole e depois o rock’n’roll do Elvis e dos Beatles. Quando ligavam a televisão o sono já chegava logo. Mal conseguia assistir a Papai Sabe Tudo: – À benção pai, à benção mãe era a última coisa que eu falava antes de fechar os olhos e começar a sonhar com meus primos, minhas férias, a Praça de Esportes, o colégio interno, minhas bonecas, meus amigos...

Meu primeiro dia de aula¹⁰

São vários os primeiros dias de aula de qualquer vida, porém o que mais me marcou foi o primeiro dia do primário. Foi muito complicado, senão ouçam lá: mamãe estava doente, eu morava em Pará de Minas, na Rua Direita, e fazia uns bons dias que ela permanecia na cama. Eu chegava pela manhã sorridente e esperançosa em seu quarto: – Mamãe, segunda-feira a senhora já sarou? – Não sei, por que? – Minhas aulas vão começar, esqueceu? – Ah! Se eu não puder, a Maria Marta te leva.

Ok, eu adorava a minha irmã, que cuidava muito de mim, me dava banho, me ajudava a arrumar os cabelos, me vestia pras festas familiares, mas eu queria que mamãe me levasse para o Grupo Escolar Torquato de Almeida, no meu primeiro dia de aula. Parece que eu estava adivinhando, mamãe não pôde ir e Maria Marta foi me levando... Descemos de mãos dadas a Rua Cel. João Alves, passamos pela loja de consertos de sapatos do Ovídio, pela Padaria Santo Antônio, pelo Bar do Nem e lá chegamos na Escola de Comércio, bem ao lado da então Rodoviária. Claro que ninguém sabe de onde estou falando, mas o Torquato de Almeida estava em reformas e minhas aulas começaram onde hoje é a Secretaria de Cultura.

Chegamos na lateral esquerda, subimos uma pequena rampa e saímos no anexo do pátio. Professoras esperavam aquele bando de crianças impecavelmente uniformizadas, de saia plissada azul marinho, camisa de mangas curtas branca,

¹⁰ P. 39, 43

sapatos e meias pretas. Carregava comigo uma pasta preta enorme com o Livro da Lili e alguns cadernos com capa de plástico verde – que Maria Marta me ajudou a encapar com material que compramos na Tipografia O Globo, de minha tia Nega, ou Professora Maria Praxedes, como era conhecida.

Meu coração estava ofegante, pressenti que podiam perguntar o por quê de minha mãe não estar comigo, mas nem ligaram para o meu temor, e pediram que rezássemos antes de entrarmos na sala de aula. Se bem me lembro rezamos o Pai-Nosso e Algumas Ave-Maria. Despedi-me de minha irmã e entrei com o coração a galope pela Escola de Comércio adentro – local onde meu cunhado Ney estudava (foi Maria Marta quem me contou).

Ao entrar na sala percebi que as carteiras eram para destro, aquelas que têm uma prancheta do lado direito e uma prateleira abaixo do assento para colocarmos nosso material. Andei pela sala inteira procurando uma carteira para canhoto e – oba! Encontrei uma que me pareceu mais nova do que as outras por ser de madeira um tanto mais clara. Sentei-me confiante nela e muito feliz, pois mamãe, mesmo acamada me pediu “encarecidamente”: – Filha, não deixe que a sua professora “obrigue” você a escrever com a mão direita. Diga que sua mãe não quer, e explique que você nasceu canhota! Esse aviso me tranquilizou muito, pois eu já gostava de desenhar, e apesar da dificuldade que sentia ao lidar com caderno espiral, eu temia ser forçada a escrever com a outra mão. Minha professora percebeu logo de cara que eu estava numa carteira diferente: – Por que você está nessa carteira? Você por acaso é canhota?, quis saber a D. Izaltina Menezes. Não me lembro se emiti algum som, mas lembro-me bem de ter afirmado com a cabeça. Lembro-me de tê-la ouvido dizer algo assim: – Ih! Não gosto de canhotos, mas já que tem a carteira, tudo bem! Opa! Foi um alívio e tanto. Pensei que eu era a única diferente na classe, mas que tudo bem, não seria reprimida, palavra que eu desde aqueles dias odiava.

Quando comecei a experimentar as primeiras curvas – os “emes”, os “eles”, os “esses” enfileirados eu pirei. Mas fui conseguindo e acabei tendo uma letra muito elogiada, apesar de toda a dificuldade que um canhoto tem.

E, devo confessar: melhor que conseguir escrever foi aprender a ler. Emoção indescritível, para quem nasceu vendo o pai lendo jornais inteiros e a mãe sempre incentivando os mais velhos a ler um bom livro. E acabei virando escritora. Eta felicidade!

Dos cheiros da infância¹¹

Quando estou em Pará de Minas a melhor coisa do mundo é andar na Rua Direita. Sábado então, nossa, impossível não ir até a Padaria Guimarães e vir andando, entrando de loja em loja, reconhecendo cada canto. Muitos me chamam saudosista, mas não gostaria de voltar um dia sequer em minha vida. Se eu mesma tiver que me definir diria que sou observadora e que tenho uma memória maravilhosa. E quando saio pela rua vou reconhecendo as emoções que sentia. Só que agora sinto outras. E são igualmente únicas.

Na minha infância tinha pouca coisa, quase nada. Era uma loja aqui, outra lá no final da rua. Poucas lojas de calçados (sempre uma paixão em minha vida). Mas era tudo muito chique. Adorava ir à loja do Antonio “Casinha”, marido da Helena Göebel. Lá eu podia pedir para experimentar o sapato em casa, e eu sempre convencia a mamãe de que aquele sapato era tudo o que eu estava sonhando.

No Centro Literário, eu ia frequentemente buscar livros na biblioteca para minhas irmãs, que adoravam ler. Certa vez eu cheguei lá em cima e encontrei a D. Elza, professora, irmã do Murilo Mendes, ensaiando umas meninas para um desfile beneficente. Aí alguém falou: ela é irmã da Sylminha, deve saber desfilar. Pois a prova foi ali mesmo, me puseram pra andar pra lá e pra cá e imediatamente fui convidada para o desfile. Desfilei com a Beatriz Mendes, no Cine Vitória e depois numa escola lá perto da Igreja N. Sra. Das Graças. Vestíamos um pijaminha azul com debrum branco, de babadinho, chinelinho igual e um travesseirinho azul estampadinho. Íamos juntas, como se fôssemos irmãs e no final da passarela colocávamos o travesseiro debaixo da cabeça, quase que buscando um jeito de dormir melhor. Éramos sempre muito aplaudidas. Guardei esse pijama por anos a fio, tal a alegria que eu tinha de me lembrar desse desfile.

Outra coisa que eu adorava era o sorvete do Bar do Ari. Aliás, picolé redondo de coco. Era o meu preferido. Tudo limpíssimo, bar com mesas e cadeiras coloridas de Formica, que eu achava o máximo. Mas era um bar, então crianças e jovens não ficavam por ali. No máximo pegávamos os picolés e as balas Chita e íamos para a rua saboreando aquelas delícias.

¹¹ P. 49-52

Com o passar do tempo, os cheiros da nossa infância ganham formas. É como se o “Eskibon” de caixinha deixasse de ser apenas uma partícula de chocolate quebradiço, com um cremoso gelado branco por dentro, para se tornar parte definitiva em minha estante de divertidas lembranças.

As moças da Vila dos Atrevidos¹²

Naquela Pará de Minas pequena, tudo era um escândalo. As pessoas em suas vidinhas pacatas pouco tinham a acrescentar às conversas. Minhas primas chegavam nos finais de semana contando novidades: - Tem umas moças que moram na Vila dos Atrevidos que ficam raspando as pernas nas janelas, só pros moços ficarem olhando!... Eu não acreditava naquela história. Minhas irmãs raspavam suas pernas escondidas no banheiro, e nós crianças nem podíamos olhar! Voltava com minha mãe da Sopa dos Pobres e pedi a ela que passasse comigo pela rua em que moravam as tais moças. Estava com Beth, minha prima que tinha ido à Sopa com a Tia Olga, sua mãe.

As duas, distraídas, toparam. Conversavam sem parar e acho que nem notaram que não mudamos de rumo. Quando as duas se deram conta já era tarde. Notei algo estranho nas janelas de cortinas improvisadas com chitão colorido e em suas roupas apertadas e de cor forte. Os cabelos oxigenados e as pernas de fora, achei tudo muito estranho...

Domingo lá em casa sempre tinha reunião da JF – Juventude Franciscana, grupo de jovens coordenados por mamãe, de que participavam dezenas de pessoas da sociedade. As festas duravam normalmente de duas às seis da tarde.

A reunião corria normalmente e eu e Maria de Fátima estávamos na janela gigante de um dos quartos de minha casa, quando vimos duas moças da Vila dos Atrevidos com uma criança no colo, desoladas de frente à Farmácia Cruzeiro, do Jurandyr, que naquele domingo estava fechada. Descemos e tentamos socorrê-las. – Meu filho tem febre, não sei o que fazer! Falei do hospital, uma delas (vestida de amarelo ouro, decotado e pregueado) disse que não conseguiram entrar...

Lembrei-me então do Tio Raimundo, um irmão de meu avô Alfreedom, dono de uma farmácia, bem no quarteirão adiante. - Eu levo vocês! Sugeri.

¹² P. 71-74.

Tão logo chegamos, meu Tio Raimundo, ao me ver com as tais moças, pediu-me que passássemos por dentro da casa do Antônio, seu filho, que morava do outro lado (na Rua Dr. Hygino). A farmácia do Tio Raimundo também estava fechada. O Luiz, seu outro filho, foi quem nos levou para o atendimento. Colocou termômetro na criança, constatou a febre, aplicou-lhe uma chorosa injeção e não cobrou nada de ninguém. Claro que as moças ficaram super agradecidas. Vim andando com elas pela rua, quando vejo mamãe me esperando na porta de nossa casa, gesticulando feito uma doida. Pensei logo: o Luiz contou pra ela.

As moças me agradeceram mais uma vez e seguiram pela rua Direita, felizes da vida.

Atravessei a rua e mamãe veio criando um caso danado. Expliquei o que havia acontecido e ela, que sempre foi muito caridosa, sem reação direito, falou algo assim: - Cuidado! Olha lá como você vai ajudar! Quando for assim, fale comigo!...

A caminho do Colégio das Irmãs¹³

O frio que fazia naquele junho era assustador. Nunca estudei de manhã no Colégio das Irmãs, a não ser quando fiz Admissão - alguém ainda sabe do que se trata? A saia era plissada, a camisa branca era fina e mal encobria os braços e o casaquinho azul marinho nem sempre era suficiente para suportar o frio. No pescoço nada e na cabeça, quando dava, a gente colocava uma boina azul marinho, para as festas de gala. Na hora de entrar, acredite, não permitiam, tínhamos que tirar o tal adereço festivo. As pernas tremiam e também não era permitido usar meias $\frac{3}{4}$ - eu vestia e ao chegar na portaria, descia a meia e embolava lá embaixo.

Eu saía de casa e esperava minha prima Clara – quando ela ainda morava na Rua do Rosário... Depois que se mudou para a Rua São José, mudei meus planos e eu passava na casa da Angélica, descendo pela Rua Dr. Hygino. Dali seguíamos rumo ao Colégio. Angélica fazia o maior sucesso com os meninos. Ouvíamos muitos assobios pelo caminho. E Angélica nem ligava, era muito discreta a moça.

Nossa turminha no Colégio era mias ou menos formada pela Kênya Bambirra Elias – uma moreninha de Belo Horizonte, que tinha a voz rouca e adorava o Ró - Roberto Marinho, acho que eles chegaram a namorar! A Fátima Almeida, os olhos

¹³ P. 91-94

mais verdes do planeta, a Angélica, a Beth Melgaço – na verdade Beatriz, a Mary - que era vizinha da Beatriz, a Bebé (Elizabeth Capanema), a Jones (Maria Eugênia Grassi), a Celina, do Pepé, a Aurora Vasconcelos...

Aí chegava época do 7 de setembro, que nós sempre comemoramos no dia do aniversário de Pará de Minas - se não me engano, dia 20 de setembro. Os meninos começavam a ensaiar para o desfile. Eles todos tocavam na Banda, tocava tambores e tarol. Era emocionante quando saíamos da aula e eles estava por ali, perto do Colégio desfilando e marchando. Ficávamos eufóricas e felizes. Quantos carinhas lindos! Eu me encantava sempre com o Chico do Pio. Aquele cabelinho liso, pretinho, parecendo um índio, com aquele sorriso todo, sempre. Mas todos eram lindos e divertidos. Era uma festa ver todos eles juntos: o Ró, o Flávio, o Eduardo - os três irmãos Marinho, o Marquinho e o Flavinho do Gilica ou Jilica - nunca soube como se escrevia esse “sobrenome apelido”, o Mané e o João Ribeiro - outros irmãos, o Bá Varella, o Teninho e o Luiz - os irmãos mais perfeitos do mundo, e mais um tanto de amigos que a gente acompanhava à distância.

Éramos tímidas que dava dó. Os meninos namoravam mesmo era as internas. E a gente ficava chupando dedo - morrendo de inveja das meninas que não tinham que ficar dando satisfação pra mãe, pro pai, pros irmãos, aquela “vigiação” que só Deus sabe.

Eram assim os dias daquele tempo. O coração vivia disparado, o sol era bem vindo e o frio insuportável. Mas a vida era uma emoção pura. Acho que eu nem imaginava o que iria acontecer com todos nós. E sumimos na imensidão da vida. Cada qual tomou seu rumo e sou capaz de jurar que poucos se lembram de mim. Mas eu não me importo: guardo cada um no meu coração. Com a mesma alegria que sentia ao ver o mundo tomando forma, como o nosso corpo ganhando curvas.

Ah! A vida tem sempre seus encantos.

As ruas das minhas turmas¹⁴

Na minha casa – Rua Benedito Valadares, 338, onde hoje é um estacionamento da Farmácia Cruzeiro – existia uma turma que tinha uma porção de gente adorável: éramos mais ou menos (mais quando chegavam as férias e menos

¹⁴ P. 103-106

quando as aulas recomeçavam) assim: Zé Lino e Fulô (do Juquinha Alfaiate), Boulanger (do Vicente Ferreira), Garibaldi (alguém tem notícias desse?), Osmar (do Zé Bentinho), Chico Pudim (do Paulo Duarte), Luiz (do Zé Mendonça), Renato Peninha (do Zé de Oliveira), Carlinhos (do Hélio Mendonça), Nal (do Juvenal Abreu), Ziu (do Dr. Edward Xavier), Toninho (do Magela) e seu primo Luiz Flávio, o Macarrão (nome original Rogério Abreu), o João Milton (do João Abreu Leite), Tiquita do Dr. Fernando Xavier), o Toninho Godinho (de São Paulo), o Ricardo Augusto (do Oscarzinho Pereira), o Marcos Rodrigo (do Geraldo da Lóia), e o Carlão (os eternos fantasiados de pijama nos carnavais) e as meninas Clara (do Zezinho Xavier), Maria de Fátima (do Mário de Oliveira Leite), Eleonor ou Dotta (do Modesto Xavier), Guiní e Guida (do Ivan Leitão) e eu, do Sylvio Praxedes, a dona da casa mais feliz daqueles idos.

Pois quando me mudei naquele janeiro “sombrio” eu queria morrer de tanto chorar. Deixar meus amigos pra trás foi uma das dores mais insuportáveis da minha pequena vida. Lembro-me de ficar deitada no chão da casa e ter ficado olhando pro teto pra ver se a dor passava. E lembro-me mais: a última peça a sair da casa foi o filtro. E com ele o meu corpo miúdo em busca de uma vida nova.

Quando voltei para o carnaval daquele ano, minha tia Olga e meu tio Zezinho estavam morando em nossa casa e foi ótimo poder me hospedar na minha própria casa. Aí eu soube de algumas novidades: existiam agora duas turmas na “nossa turma”: a das meninas da Major (Fidélis) e da Coronel (João Alves). E foi então que passei a conhecer as nova amigas: Regina e a Jones (Maria Eugênia Grassi), os Capanema (Jussara e o Zezico “da Totta”, como a gente passou a se referir aquele lindo menino de cabelos e olhos negros “cruéis tentadores”), o Danilo Mendonça, o Márcio Araújo (que acabou se casando com a Jussara), as outras Capanema Melo Franco (Beatriz e Bebê, na verdade Elizabeth), a Regina e a Suely da D. Inah... Enfim era uma turma que tinha uns apêndices (a Cândida Mendes que acabou se casando como Humberto Grassi, irmão das meninas)... E vez por outra apareciam as irmã Quintão (a França, a Té e a Leca).

A turma da Cel. João Alves continuava com a Guiní e a Guida + Totta Xavier e agora as suas irmãs já estavam circulando no pedaço (a Monice e a Maria Helena, que era uma garotinha rouca, de olhos verdes e a carinha de anjinho barroco. Linda a menina, mas que não pertencia à nossa turma!). Os meus amigos lá da frente passaram todos a frequentar a casa da Tia Lourdes e aquela casa ocupou

totalmente o lugar da minha. Ivanzinho, o filho mais velho, passou a fazer parte da nossa turma também e logo, logo surgiram outros “adendos”: nascia ali “Os Mísseis na Rota 70”, bem no quintal da casa do Sr. Ivan Leitão. Era uma festa regada a empadinhas de queijo – que até hoje não consegui comer outras iguais. E, se fosse fim de semana, com certeza apareceria um bolo com chocolate que me emociono só de lembrar.

As turmas passaram a ficar integradas. Guiní namorava o Osmar e ficaram amigos próximos do Márcio e da Jussara. Quando eu chegava de férias ficava feliz com tanta festa em todas as casas. Era uma delícia sem fim. Dançava sempre com o Carlinhos do Hélio e a gente terminava a noite no Centro Literário (será que sairá do papel a restauração do lugar?) rindo e rindo de tudo. Eu ficava esperando o Ivanzinho terminar com a música, guardar as baquetas pra gente ir pra casa. Desde que as festas começaram eu só queria saber de dormir na cãs da Guiní ou da Dotta. Ia revezando, rindo sempre. Para “desespero” de nossos pais que nunca conseguiam dormir com aquelas gargalhadas madrugada adentro...

A arquitetura do olhar¹⁵

Sou uma apaixonada por arquitetura. Meus olhos procuram novidades no ar. Adoro Paris e admiro o país por ter conseguido manter “intacta” a arquitetura da cidade. É uma viagem no tempo. Outros encantos? Praga, Moscou, São Petersburgo, Florença, Roma, Barcelona, *New Orleans*. E por aqui, Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, São João Del Rei. Todas elas mantêm parte de sua história preservada. É deslumbrante conhecer um pouco do que foi a vida no surgimento de cada uma delas. Relembrar o que conheci, através das fotos que registrei, me deixa muito feliz.

Em 2009, Pará de Minas completou 150 anos. Fui visitar a exposição que está no Museu Histórico. Foi um delírio para o olhar. A arquitetura da cidade tinha muitos encantos. O Centro Literário Pedro Nestor era uma edificação genial, com suas sacadas românticas e seus salões com pequenos palcos (num deles Roberto Carlos se apresentou nos anos 1960). Nossos dois cinemas, Cine Imperial e o Cine Vitória – este, o prédio está lá, com o pouco que restou do que foi... A Prefeitura

¹⁵ P. 133-136

Municipal e o Fórum – dois edifícios belos e imponentes. Apenas o último continua de pé. A Igreja Matriz observava e protegia a cidade toda com sua praça carinhosamente conhecida com Praça da Matriz, que abrigava a casa do Vigário, a casa do Ovídio de Abreu, e outras residências lindas como a que moravam Alice e Amélia Silva e a tia delas Tina Leite Praça – madrinha de minha mãe. Do casarão não restou absolutamente nada e era uma casa com duas longas escadas que encantavam meus olhos de menina. Mamãe contava-me casos de “assombração” que também me deixavam “encantada” com a possibilidade de ser habitada por seres de outro mundo.

A Praça das Estação e a sede da Estação do Pará, que hoje abriga nosso único cinema, sempre foi um lugar nobre. Nessa praça estava a casa do Dr. Silvino, o Bar do Ném, a Escola de Comércio – onde hoje está a Casa de Cultura, o Grupo Escolar Torquato de Almeida, o Hotel Elite, do Zé Dureza, o Grande Hotel (não tenho certeza do nome, mas foi o hotel em que se hospedou RC), sem falar no jardim daquela praça com seu belo projeto paisagístico e o seu coreto. Era um lugar que sempre estava cheio de turistas, e passear por ali era um bom programa no fim de tarde.

Saí da seção de fotos e fui caminhando pelas ruas em direção à casa de minha irmã, no Bariri. Tudo diferente. Era como se tivessem desmanchado cada casa, cada rua, derrubado cada árvore e reconstruído outra cidade no lugar. Era como se um “tsunami” ou um terremoto como o do Haiti tivesse dado fim a cada pedaço daquela história. Se não frequentasse Pará de Minas, talvez não reconhecesse absolutamente nada do que está naquelas fotos.

O que torna uma cidade tão interessante, além das pessoas dali, claro, é justamente a história que carrega aquele lugar. É o registro arquitetônico que traz o encantamento. Destruir edificações apaga a história de uma vida inteira. E o que poderia ser uma cidade tão linda quanto Ouro Preto ou Paris passa a ser uma memória do olhar.

Carta aberta para Guiní¹⁶

Se tem uma amiga que deixei em Pará de Minas foi a Guiní. De todas, as

¹⁶ P. 147-150

meninas da minha infância, ela foi a única que ficou o tempo inteiro vivendo “no Pará”, como costumamos dizer.

Guiní foi a menina mais lindinha de que tenho notícia – cabelos louros, cacheados, corpo de menina bem nascida, respirava saúde, um biscuit, diríamos.

Pois eu fui a responsável por revelar a ela que “Papai Noel não existe, Guiní!” e ouvir um choro absolutamente inesquecível. Então, cá estou pra pedir desculpas à minha amiguinha.

Guiní, a vida nos prepara muitas surpresas e eu ainda fico triste quando me lembro o quanto te fiz chorar naquela noite. Perdoe-me, por favor.

Tenho por você um carinho muito especial e fico triste cada vez que vou a Pará de Minas e não encontro tempo pra te rever e dar um abraço e trocar aquelas ideias tão divertidas.

Sabe Guiní, que na semana passada, embarcando pra Sampa vejo o Humberto Mendes, irmão da Cândida? Olha, foi muito divertido. Viajamos no mesmo voo e colocamos a conversa em dia. Rimos pra caramba, relembramos muitas histórias divertidas – ele foi meu colega mais “Caxias”, tanto quanto o Zé Luiz “Cabeção”. Humberto justificou: “Claro, minha mãe era professora, lembra?” Como não lembrar da D. Natália? Lembra, Guiní que a gente chamava as professoras de “donas”. Que coisa mais primária, não? Hoje dizem simplesmente “pro”. Detalhes.

Pois adorei reencontrar o Humberto- a imagem que não me sai da cabeça é daquele menino com o cabelo impecavelmente penteado e com a bermuda azul marinho igualmente impecável, moreno com cabelo meio claro, eu achava o danado bonitinho demais. E continua, sabia? Está muito bem: inteligente, papo agradável, educadíssimo – ponto importantíssimo, concorda?

Pois imagina a coincidência. Dia seguinte vou a uma loja que amo: Garimpo-Fuxique e na volta fui almoçar num lugar que amo também: La Table. Pois estou bem lá com duas amigas, amando rever aquele lugar, quem aparece? Pensou que fosse o Humberto, não? Pois errou: apareceu a Bebé, minha colega do Colégio das Irmãs, com a filha Marina. Olha, foi outro instante maravilhoso. Rimos e trocamos telefones, uma festa. A filha é a cara da Bebé que conhecemos, se eu a visse na rua arriscaria o palpite: “Você é filha da Elizabeth Capanema?”

Então, amiga, são essas as novidades de hoje. Sei que dia 8 de agosto foi teu aniversário e fiquei assim tentando te ligar... o que aconteceu? Mudou o número? E aí, você tem e-mail? Vamos nos falar?

Adorei você ter me ligado no meu aniversário, apesar de eu estar naquele instante completamente impedida de conversar contigo. Mas foi muito bom ouvir você cantando “parabéns pra você”. Obrigada, viu?

Fico por aqui. Espero que seu aniversário tenha sido um motivo a mais pra você sentir-se querida e feliz.

Beijos da amiga de infância,

Miss Pará de Minas¹⁷

Lá em casa sempre teve esse negócio de Hollywood, Rei do Rock, Rei do Futebol, Reis do lê-lê-lê... Não sei se posso chamar de futilidade, mas revistas que tratavam dos ídolos eram sempre bem vindas.

Sem contar a história das misses. A gente comprava todas as revistas “Manchete”, “O Cruzeiro”, “Fatos&Fotos”. E nós, meninas ainda pegamos uma mania que a gente acha que começou com mamãe - recortávamos as figuras de corpo inteiro e brincávamos de “figura”. Era o nome da brincadeira que nunca conseguimos passar adiante. Era coisa da nossa família - primas e primas.

A gente adorava aquelas belas moças e buscávamos seus pares em revistas quando já ficavam velhas. Demorava, mas a gente esperava ansiosamente. Quando conseguíamos comprávamos “Desfile” e “Jóia”, duas pérolas do mundo da moda.

Pois bem, certa feita, já morando em Belo Horizonte, Maria José chegou em casa cheia de novidades: imagina quem vai ser a Miss Pará de Minas? A Beth Varella. Nossa, não acreditamos. A Beth chegou lá em casa cheia de roupas lindas, casaco vermelho de lã, com botões dourados, botas pretas de verniz, um tanto de coisa chiquérrima. Éramos muito amigas da Beth, dividíamos o mesmo quarto, esperávamos ansiosamente sua chegada nos finais de semana, e agora a Beth era miss. Miss que poderia ser capa de revista, e tão importante que viraria figura pra gente recortar e brincar.

Acompanhamos toda a trajetória, rezamos muito, mas Beth não chegou a ser Miss Minas Gerais – o caminho inicial para virar capa de revista. Uma pena. Mas foi bom porque ela não deixou de ser nossa amiga e passou a frequentar muito mais a nossa casa. Fumava que era uma coisa e a Auxiliadora não parava de pedir a

¹⁷ P. 163-166

“guimba” pra ela. Beth não ligava pra economia e vivia oferecendo seu maço pra quem quisesse fumar... Hospedar uma miss em casa era o máximo. Meus amigos queriam conhecer: “É verdade que tem uma miss aí na tua casa?” Tinha. Eles ficavam todos rodeando a Beth, loura e linda. Falante que só. Agradável, espontânea, formava com a Maria José e a Ângela minha prima um trio de “arrebentar”. Arrasavam quarteirão as três. Não sobrava pra ninguém, como diziam naquela época.

Aí Pará de Minas não teve Miss no ano seguinte e a Beth não teve como passar a faixa... Depois dela me lembro apenas da Fatinha do Ziu, meu primo, que foi uma miss também muito linda, elegante e discreta.

Só para finalizar: essa história de miss era tão forte que a Auxiliadora minha irmã acabou se casando com um cara que era conhecido como “o irmão da Miss”. O Paulinho, marido dela é irmão da Eliane Parreira Guimarães, Miss Mariana, Miss Minas Gerais, Miss Brasil e 5º lugar no Miss Universo daquele ano. Tinha que acontecer algo assim na nossa vida...

Mulher sim, e daí?¹⁸

Acabo de assistir ao filme “Memórias de uma gueixa” e sinto-me completamente aliviada. Não tenho absolutamente nada em comum com aquela mulher que não sonhou em momento algum em ser o que a vida lhe reservou. Mesmo que o mundo lhe apresentasse perspectivas, todas eram destinadas a uma vida sem qualquer importância pessoal. Querer era apenas um detalhe.

Talvez minha vida tivesse uma “programação” que incluía uma porção de atuações e funções que em nada se pareceriam com o que vivo hoje. Mas, menina, bem menina ainda, eu me vi trancada dentro do guarda-roupa chorando: eu queria uma sandália que era a coisa mais linda que eu jamais vira. Minha mãe insistia que na ordem natural da casa – éramos oito filhos de todas as idades –, aquelas sandálias estavam lá atrás. Não me lembro quanto tempo durou o choro, mas no dia seguinte eu ganharia as sandálias que mudaram muito a minha vida. Eu as coloquei no pé e a cada manhã em que eu as calçava eu agradecia a Deus e, me lembro bem, sempre à minha mãe.

¹⁸ P. 167-169

Desde muito me considero uma obstinada pela vida. Sempre gostei de viajar, de conhecer pessoas, de fazer amizade, de ouvir música, de ler revistas, de ver revistas, de rir, de amar, de beijar, de usar batom, de enfeitar o corpo com colares, sapatos - eles, sempre eles -, bolsas, cores, muitas cores, água de côco, bolo com chocolate, shows, cinema, casa, almoços, jantares, risos e risos e música e música e música.

Aí eu vejo o dia internacional de mulher e nem sei se posso fazer parte de um dia como esse. Eu me vejo de uma forma sem revolta, sem raiva, feliz. Posso estar errada, mas a vida tem me dado muita alegria, mesmo com todas as perdas, o melhor tem sido contabilizar os ganhos.

Queixas não fazem parte das minhas funções diárias. Prefiro olhar o sol, aquecer meu coração com um outro, arrumar a cama, ajeitar a alma, escrever, ouvir mais música e fazer muitos planos. Agradecer por ter uma família divertida, agradecer por ter tido pais que me deram o tom exato de uma vida plena. Que me deixaram escolher o gosto bom de amanhecer acreditando no outro. Em nós, seres que gostam de ser.

E se nos elegem um dia, que este dia seja dedicado ao amor. Por que amar é uma qualidade que todas nós, desse mundo inteiro, temos como absoluta e verdadeira.

Papai faz 100 anos¹⁹

Meu pai faria 100 anos no dia 19 de novembro. Mas para nós ele completaria 98 anos. Explico: meu pai adiantou sua idade para poder tirar carteira de motorista. Uma desculpa, se assim podemos dizer. Minha mãe mesmo casou-se quando ele tinha 29 anos e para ela, segundo ele, dizia, ele teria naqueles idos 27 anos. Explicação: uma moça de 19 anos jamais se casaria com um homem de 29!

Bom, vivemos a vida inteira acreditando que meu pai havia nascido em 1910. Era tudo esclarecido, nunca se falou noutra coisa... até que um belo dia meu pai chegou em casa muito sem graça, chateado, desconcertado e falou pra minha mãe: “Saiu a minha compulsória!... Mamãe que entendia tudo daqueles termos jurídicos, riu e falou algo “Já está querendo se aposentar, é?[...]” Houve um silêncio que eu

¹⁹ P. 193-197

quis ouvir. E ele falou pra mamãe: “Noêmia, você precisa saber, eu vou fazer 70 anos!...” Olha, foi uma confusão sem explicação. Papai conversou ali na frente de quem estava por perto. Eu ouvi tudo, sei que tinha mais gente, e mamãe começou a chorar: “Quer dizer que você mentiu sua idade esse tempo todo?[...]” Papai se explicava daquele jeito engraçado, meio que sem graça, mas também meio irônico e mamãe lá, chorando sem parar falando que não casou com um homem de quase 30 anos e ele então começou a rir: “Agora é tarde, mas você casou sim com um homem que se dissesse que tinha 29 anos você não aceitaria, não falei?!,” justificou papai...

Claro que isso não impediu em nada que eles continuassem felizes como sempre. Mamãe era apaixonada por papai. Imagina que éramos oito filhos e papai sempre gostou de deitar cedo e comer cedo. Se pudesse o homem almoçava às 10 horas. Mas, o almoço lá em casa era quase ao meio-dia, para atender àquele entre e sai de filhos chegando da escola, indo pro colégio e alguns que já trabalhavam. Ele não queria saber: tomava seu lugar à mesa, à esquerda da cabeceira, mamãe sentava-se em frente. E lá ele servia-se de feijão e colocava uma farinha bem fininha, de mandioca ou de milho - só se estivesse bem fresquinha - e fazia o tutu à sua moda. Colocava arroz, esperava passar a couve - que tinha que ser fina, fina, fina - e aguardava a carne. Gostava muito de carne de panela, carne desfiada, mas não suportava bife. Comia achando ruim, mas comia. E olha, que eu me lembre era só... Se tivesse uma massa bacana ele encarava também. E adorava os empadões de galinha que mamãe, sempre que queria agradá-lo, preparava com esmero. Aí ele ficava satisfeito uma semana inteira. Elogiava sem parar, contava pros amigos, relembrava com seus filhos: “Mas aquele empadão que sua mãe fez ontem estava bom demais, não é mesmo?”

E chegava a hora dele dormir. Era a novela absoluta. Imagina oito filhos de todas as idades naquele entra e sai danado, casa com apenas um banheiro – alguém pode me explicar como é que funcionavam banhos, necessidades etc e tais?! Papai se preparando pra dormir, ia colocar o pijama e começava aquele entra e sai de sempre. Ele, com as calças na mão, literalmente, começava a perguntar: “Será que não está faltando mais ninguém pra entrar aqui? Vai procurar, chama lá, deve ter alguém que está querendo me ver trocar de roupa, será possível?...” Detalhe: era assim na hora de dormir e quando ele saía do banho e queria se vestir para trabalhar. Ah! Mas a gente nem ligava. Já éramos grandinhos e, que eu saiba, nenhum de nós dava atenção aos seus reclames. Eram divertidos seus comentários,

suas abordagens, suas tiradas irônicas. Inteligentíssimo, era meu pai. E tenho um orgulho danado de lembrar suas atitudes. Diziam que ele era um “rei” naquela casa com sete mulheres para atender seus caprichos. Começava o dia e ele, com o jornal aberto, sentadinho de frente à TV, pedia: “Filha, será que você tem coragem de ir ali na mesa e pegar meio biscoito pra mim?”

Mordomias à parte, nós, seus filhos e mamãe, sempre atendemos aos seus desejos. E era bom fazer tudo por ele, recebíamos sempre uma resposta divertida: “Agora, vai lá e busca aquele pedacinho que ficou pra trás!”

Pai, se você estivesse aqui, a gente com certeza iria fazer uma grande festa, mesmo que você repetisse mil vezes que não gostava de comemorar. E mesmo assim era quem mais se divertia, conversando com todo mundo que te amava. E ficava feliz, como quando mamãe fazia aquele empadão de frango que você adorava, né?

Então, feliz aniversário, pai! E quero dizer que vamos comemorar muito, mesmo sem o empadão da mamãe, viu?

Beijos da sua filha,

Quantas roupas eu já vesti²⁰

Minhas irmãs costumam dizer que sou muito “criativa” quando falo de minhas memórias. Mas se tem uma coisa que agradeço a Deus diariamente é a nitidez com que enxergo cada cena de minha vida. A primeira roupa de que me lembro era um vestido branco, um par de sapatos de verniz preto e um chapéu que acredito ser de minha irmã Auxiliadora, por tê-lo visto em uma foto dela ainda menina. Com essa roupa, a Terezinha, nossa prima carioca, me levou para passear na Av. Presidente Vargas, com suas árvores frondosas. Uma tarde inesquecível!

Outro vestido Branco, de fustão, com bordado azul claro, em forma de margarida... As flores desciam pelo recorte que fazia uma frente bonita e dava graça ao evazê. Para arrematar uma bela faixa azul clara, larga, com um laço que só a mamãe sabia dar! Eu me sentia imensamente feliz quando vestia essa roupa.

No casamento de meu primo Paulinho e da Ana Aurora vesti um conjunto marinho azul marinho, com pala branca e fitinha vermelha e azul marinho. Eu

²⁰ P. 207-211

estava muito alegre, e isso é o que importava naquela tarde. No casamento do Pedro e da Nízia eu estava com um estampadinho azul e branco, bem primaveril, com cintura baixa, levemente franzida, feito com carinho pela mamãe. E no casamento da Mariângela com o Zé Araújo eu caprichei. Vi numa revista um vestido que fiquei completamente apaixonada e convenci mamãe a fazer um igual pra que eu pudesse arrasar na festa. Era pink e cheio de flores miúdas arrematando a saia. Feitas no maior capricho, me deixava sempre de pé nas festas para não “machucar” as rosas pequenas. Só usava esse vestido em festas de 15 anos ou em casamentos. E só para lembrar de mais um, no da Cléa Leitão eu vesti um azul turquesa que eu amei. Tinha cintura baixa, cavas entradas e um arremate de zig-zag do próprio pano, dando um acabamento muito charmoso. Se bem me lembro, todos esses vestidos eram criações de minha mãe Noêmia.

Mas tem outras roupas que não me saem da memória. Aquele tubinho branco de bolinhas vermelhas e azuis que usei no dia em que dancei com o Anderson no Círculo Militar. Ele me disse coisas tão lindas que aquele vestido ficou para sempre em minha vida. E tem aquele jeans primeiro, calça rasgada no joelho com couro marrom para tampar o estrago. Adorava usar com camisa branca amarrada na cintura, e, de preferência, com tênis branco. Foi meu uniforme quando poucos tinham o privilégio de descolar uma “calça velha, azul e desbotada”.

Também não me esqueço de uma calça de veludo preto, que usava com uma camisa de estampa floral e, por cima dela, uma blusa de malha preta com aplicação escrita “colore”, que comprei na D. Maura. Foi com essa roupa que Gonzaguinha me apresentou ao Gonzagão. Guardei essa roupa por muito tempo. E aquele vestido estampado de roxo, vinho, azul marinho, rosa e branco. Meu cabelão ajudava a colorir aquela roupa que pertencia à minha irmã Beatriz, mas eu amava aquele tecido floral, que usava com uma meia cor de vinho e uma sapatilha também daquela cor. Eu estava com essa roupa quando recebi uma bela carta do meu amor.

A saia preta de bolinhas brancas com as alças costurada no corpo e que eu enfeitei com um cravo vermelho, ainda vivo, que ganhei de um bailarino que o jogou para a plateia. Pois André nem percebeu e ao me abraçar amassou o cravo, que acabei deixando para ele levar de lembrança depois daquela noite.

E agora eu não consigo me esquecer da minha jaqueta prateada, que usei no meu aniversário, e no show do Nivaldo e do Juarez, que fizemos em homenagem ao Nando. E eu me lembro do cheiro da noite, do brilho da luz daquele dia tão lindo. 27

de setembro. A bota, a calça preta, a bolsa, o lenço colorido que trouxe comigo de São Paulo e aquela felicidade inteira. Meu amor me disse coisas tão importantes que ainda hoje repousam em meu coração. Estou completamente apaixonada. E isso, bem, isso a gente não consegue descrever. Pode ser olhando a jaqueta, relembando uma noite, revivendo aquele sorriso. A vida vai registrando emoções, e cada um que recolha as suas. E aos poucos, se assim for melhor, que monte então a sua história.

Um telefonema pra matar a saudade²¹ a em casa, numa noite qualquer, quando me deu uma vontade imensa de ligar para minha mãe. Criei coragem e liguei. Para o céu, imagino, já que minha mãe se foi em janeiro de 2006. Quem atendeu a ligação foi superdelicado, mamãe veio perguntando: “Quem é?” Com aquela voz grave e límpida que caracterizavam seu estilo “Noêmia” de ser. Meu coração ficou pulando e eu tive que deixar meu corpo quieto na cama em que estava. “Sou eu mãe, Malluh!” Mamãe ficou superfeliz: “Ora, vejam, que surpresa agradável! Muito bem!...” Eu comecei a ficar engasgada, mas não queria que ela percebesse minha emoção e fui falando junto: “Tudo bem por aí? Papai está bem? Sylvio Roberto como está?” “Tudo bem filha! Seu pai está ótimo! Foi tão bonito o nosso reencontro! Eu estava tão saudosa, agora estou como gosto, juntinho o tempo todo!... E o Sylvio Roberto está ótimo! Ele o Alfredo estão sempre juntos, conversando muito, eram amigos de infância, lembra? Temos encontrado sempre também com o Amadeu Grassi. E sabe quem mais? O Tate, a Olga, o Zezinho, o Juju, meu irmão. Até o Walter da Hilda! Já revi a mamãe e o papai. A Amélia, minha irmã tão querida. A Geny, minha tia, o tio Nelson, a tia Belita, a Tina, minha madrinha, o Júlio filho da tia Celuta, nossa! Vi ainda a Maria, o Mário, meus irmãos queridos... Todo dia a gente reencontra algum conhecido. E sabe quem eu vi dia desses? O Roberto Drummond! Olha, é um outro mundo esse aqui. Até o queridinho do meu neto Henrique eu pude carregar no colo!...” Aí eu comecei a chorar de vez. Tanta gente querida e mamãe me contando sobre cada um deles.

“Mas, mãe, e vocês são felizes?”

“Somos, sim, filha, muito felizes. Não temos ansiedade, não precisamos correr contra o tempo, não há desavenças por aqui, a gente sente uma paz que eu

²¹ P. 237-240

não sei explicar. A única coisa que é difícil é a saudade que sentimos daqueles que estão aí embaixo, como a gente diz por aqui. E eu sinto muita falta das minhas conversas com a Maria Sylmia, da bondade da Maria Marta e do Ney. Dos meus netos e dos dois binetos. Meus afilhados, meus sobrinhos e claro, de cada um dos meus filhos. Dos meus genros, eu não me esqueço de ninguém. E a Maria José, a Auxiliadora, você - soube que está de apartamento novo, heim? - da Beatriz, do Hudson! Bruno já voltou da Irlanda, chique não? Mas, filha, fique tranquila, seu pai está aqui do lado mandando um abraço para todos e está cochilando do meu lado, como sempre! E o Sylvio Roberto e o Alfredo estão rindo de alguma coisa que ainda não sei do quê. Mas mandam beijos para todos. Fiquei muito feliz com a sua ligação, viu? Mas diga a todos que estou bem e muito, muito feliz! E com saudade de Pará de Minas também, viu?"

Desliguei o telefone em prantos. Não tive nem coragem de contar pra ninguém que eu havia conversado com mamãe. Não iam acreditar mesmo, não é?